

# A família Dejante: a marcenaria e a indústria dos mármore no Portugal de Oitocentos

Celina Bastos\*

**Resumo** Em 1821, estabeleceu-se em Lisboa o marceneiro francês Pierre Barthélemy Dejante. Em Portugal, o exilado francês dedicou-se ao desenvolvimento de diversos ramos da indústria dando continuidade, de uma forma notável, a duas actividades a que se dedicara no seu país: a marcenaria e a indústria dos mármore. Esse percurso, desenvolvido ao longo de quatro décadas, será aqui analisado, destacando-se a sua participação nas exposições internacionais de Londres e Paris, bem como a vasta e importante clientela, entre a qual se contava a Casa Real e a duquesa de Bragança. O irmão, Louis Joseph Dejante, também estabelecido em Lisboa como marceneiro, será igualmente abordado neste estudo, bem como os filhos de Pedro Bartolomeu Dejante.

**Abstract** In 1821, the French cabinet-maker Pierre Barthélemy Dejante established himself in Lisbon. In Portugal the exiled Frenchman devoted himself to the development of several industry branches, giving, in a remarkable way, continuity to the two activities he had already dedicated himself to in his country: the cabinet making and the marble industry. This route, which has had a development of four decades, will be here analyzed, specially his participation in the London and Paris International Exhibitions, as well as his wide and important clientele, among them the Royal House and the Braganza Duchess.

His brother Louis Joseph Dejante, who also settled as a cabinet-maker in Lisbon, will likewise be approached in this study, as well as the two children of Pedro Bartolomeu Dejante.

## Pedro Bartolomeu Dejante (n. Ruão (?), final séc. XVIII, act. Lisboa 1821-f. Paris 1859)

Em 1821, ano do regresso da corte a Portugal, estabeleceu-se em Lisboa o marceneiro francês Pierre Barthélemy Dejante. Tendo servido o seu país

---

\* Licenciada em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Técnica Superior do Museu Nacional de Arte Antiga.

O artigo que aqui se publica, redigido no ano em que se cumprem os 150 anos da morte de Pedro Bartolomeu Dejante, insere-se num mais vasto estudo que em breve se publicará.

“como militar sob o 1º Império”<sup>1</sup>, Pedro Bartolomeu Dejante, ou apenas Bartolomeu Dejante, como ficaria conhecido em Portugal, fora forçado a abandonar a pátria após os acontecimentos políticos de 1815<sup>2</sup>, fixando-se definitivamente em Portugal com a mulher, Julie Lefort<sup>3</sup>, atraído talvez pelos privilégios então concedidos aos estrangeiros e que trouxeram a Portugal outros exilados, como o célebre cabeleireiro Andrilliat, que fizera as campanhas de Bonaparte e que no Chiado instalou “o mais elegante estabelecimento de cabeleireiro do tempo”<sup>4</sup>. Em Lisboa, no final desse ano nasceu um filho do casal, Luís Bartolomeu Dejante<sup>5</sup>, igualmente marceneiro e que viria a falecer em 1862<sup>6</sup>. Quatro anos depois, a 25 de

<sup>1</sup> De acordo com as declarações de Dejante, publicadas na obra *Relatorio do Commissario Regio junto à Comissão Imperial da Exposição Universal de Paris*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1857, Tomo II, p. 219, que se repetem na obra do Engenheiro das Minas de Paris, Achiles Ernest Oscar Joseph Delesse, *Matériaux de construction de l'exposition universelle de 1855*, Paris, Victor Dalmont, Éditeur, 1856, p. 188.

<sup>2</sup> Idem. Veja-se Francisco Queiroz, “Pedro Bartolomeu Déjante e o seu papel na indústria da pedra em Portugal”, in *A Pedra*, n.º 87, ano XXII, Outubro 2003, p. 48. Esta informação confirma a tradição oral dos descendentes de P. B. Dejante, indicada no capítulo dedicado ao marceneiro e “marmorista” francês por Francisco Queiroz na tese de doutoramento, cf. José Francisco Ferreira Queiroz, *Os Cemitérios do Porto e a Arte Funerária Oitocentista em Portugal. Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, vol. I, tomo I, p. 811 [texto policopiado].

<sup>3</sup> O casamento de Pedro Bartolomeu Dejante e Julie Lefort foi celebrado a 20 de Junho de 1830 na igreja de S. Luís dos Franceses., em Lisboa. Não foi possível encontrar o respectivo assento nesta igreja mas, no traslado que se guarda na Torre do Tombo, Pedro Bartolomeu Dejante consta como filho legítimo de Bartolomeu Dejant e de Ana Dinis Boucaut (?), baptizado na paroquial de S. Vicente da vila de Ruão, reino de França e morador em Lisboa na freguesia do Sacramento. O irmão, Luís José Dejante, testemunha do matrimónio, morava então na Rua do Alecrim, (A.N.T.T., A.D.L., Registos Paroquiais, Lisboa, Sacramento, Lv. 12-C, fl. 55). A outra testemunha foi o mestre armador Jean Gibert, igualmente estabelecido em Lisboa e a quem se deve, segundo P. B. Dejante, a invenção dos sofás e marquesas elásticas. Curiosamente, os dois assentos de baptismo dos dois primeiros filhos que se conservam na igreja de S. Luís dos Franceses, em Lisboa, dão-no como casado em Ruão com Julie Lefort e só após 1836, quando baptiza a filha nascida em 1832, é referido como tendo casado em Lisboa com Julie Lefort (Igreja de S. Luís dos Franceses, Registos paroquiais, St. Luís, Baptêmes, 1725.1870).

<sup>4</sup> João Pinto de Carvalho, *Lisboa de Outrora*, ed. lit., coord. e notas de Gustavo de Matos Sequeira, Lisboa, Grupo de Amigos de Lisboa, 1939, vol. II, p. 200.

<sup>5</sup> Igreja de S. Luís dos Franceses, Registos paroquiais, St. Luis, Baptêmes, 1725-1870, n.º 612. Nasceu a 29/12/1821. Foram padrinhos Luis José Dejante e Emilie Andrilliat.

<sup>6</sup> O óbito ocorreu 8 de Agosto de 1862 na “casa n.º 31 sobreloja do Largo da Abegoaria desta freguesia do Santissimo Sacramento”, cf. A.N.T.T., A.D.L., Registos Paroquiais, Lisboa, Sacramento, Lv.11-O, fl. 108v.

Setembro de 1825, nasceu Catherine Dejante<sup>7</sup>, afilhada do casal Andrilliat e casada em 1847 com o francês Adolfo Felix Camillo Lemoine, tendo sido testemunha do enlace o célebre Francisco Luís Margotteau, dourador da Casa Real e da duquesa de Bragança<sup>8</sup>. A 15 de Julho de 1832 nasceu a segunda filha, Eugénie<sup>9</sup> e a 9 de Junho de 1837<sup>10</sup> nasceu o último filho do casal, Barthelémy Dejante, ou Júlio Bartolomeu Dejante, que em 1861 sucedera ao pai na indústria dos mármore e de marcenaria.

Não é conhecido o percurso profissional de Pedro Bartolomeu Dejante em França, mas os assentos de casamento sugerem a ligação a duas cidades: Paris e Ruão<sup>11</sup>. Terá, talvez, aprendido o ofício de marceneiro (*ébéniste*) em Paris, como foi o caso do irmão<sup>12</sup>, Louis Joseph Dejante<sup>13</sup>, igualmente estabelecido em Lisboa como marceneiro. Este último aprendera a profissão naquela cidade e fora “durante muito tempo” contra-mestre da fábrica de carpinteiro de móveis e semblagem de Pedro Bartolomeu Dejante<sup>14</sup>, cargo que igualmente ocuparia na fábrica da Rua da Anunciada do marceneiro alemão João Wenck e que em 1826 adquiriu ao mestre, estabelecendo-se com loja própria<sup>15</sup>.

Em Portugal, o exilado francês dedicou-se ao desenvolvimento de diversos ramos da indústria<sup>16</sup>, dando continuidade, de uma forma notável, a duas actividades a que se dedicara no seu país: a marcenaria e a indústria dos mármore<sup>17</sup>. Esse percurso paralelo, no qual desenvolveu duas importantes indústrias em Portugal, modernizando-as, trouxe a

<sup>7</sup> Igreja de S. Luís dos Franceses, Registos paroquiais, St. Luis, Baptêmes, 1725-1870, n.º 613. Foram padrinhos Adrien François Andrilliat e a mulher, Catherine Ferin.

<sup>8</sup> A.N.T.T., A.D.L., Registos Paroquiais, Lisboa, S. Paulo, Lv. 6-C, fl. 46

<sup>9</sup> Igreja de S. Luís dos Franceses, Registos paroquiais, St. Luis, Baptêmes, 1725-1870, n.º 730.

<sup>10</sup> Idem, n.º 739.

<sup>11</sup> Ver nota 3. Apesar de os pais de Pedro Bartolomeu Dejante terem nascido em Paris, e de aí ter nascido o seu irmão Luis José Dejante, baptizado na freguesia de S. Roque, Pedro Bartolomeu Dejante foi baptizado em Ruão, onde terá casado com Julie Lefort.

<sup>12</sup> A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fl. 439. Informação do deputado da Junta do Comércio na qual informa que Luís José Dejante aprendera o ofício de marceneiro em Paris.

<sup>13</sup> A.N.T.T., A.D.L., Registos Paroquiais, Lisboa, S. Paulo, Lv. 5-C, fl. 46. No assento de casamento, Luís José Dejante consta como morador em Lisboa na Rua do Alecrim, freguesia de S. Paulo, de nação francesa, filho legítimo de Bartholomeu Dejante e de Dionisia Boucacet, naturais de Paris, baptizado na Freguesia de S. Roque (Saint Roch) de Paris e os pais “recebidos na Igreja Paroquial de Santa Maria Madalena da cidade de Paris reino de França”.

<sup>14</sup> A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fl. 445.

<sup>15</sup> A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fl. 444.

<sup>16</sup> Segundo as informações do próprio publicadas na obra *Relatorio do Commissario...*, p. 219.

<sup>17</sup> Achilles Ernest Oscar Joseph Delesse, *op. cit.*, p. 188. O autor, contemporâneo de Dejante, informa que este exercera em França as profissões de “marbrier e ébéniste”.

Pedro Bartolomeu Dejanete o reconhecimento internacional e uma vasta e importante clientela.

No início do mês de Abril de 1821, ano em que chegou a Portugal, Pedro Bartolomeu Dejanete solicitou à Real Junta do Comércio alvará para se estabelecer na capital como mestre do ofício de marceneiro com privilégio de novo invento. Intitulando-se “hum dos maiores inventores de Trastes varios do mesmo officio, de forma que nesta Capital não há pessoa alguma que faça simelhantes dificuldades, como hade fazer ver a V. Magestade pondo o mesmo Supplicante neste Regio Tribunal o mesmo traste para ser visto, e que jamais haverá quem o imite, assim como muitos outros novos imventos a que se compromete a fazer”, pediu, por esse motivo, autorização para “por sua loge com o dístico de novo invento”, privilégio que lhe foi concedido por provisão de 8 de Maio de 1821<sup>18</sup>. A peça, um “traste mecânico”, obteve a aprovação da Junta que lhe passou o competente alvará que lhe permitiu estabelecer-se como proprietário de uma “fábrica de móveis e novos inventos de ornato” (doc. 1)<sup>19</sup>.

Não sabemos qual a invenção que apresentou; contudo, poderia tratar-se de uma “mesa com música” ou de uma mesa para escrever já que em 1832 declarava ter sido o seu inventor. O documento (doc. 1), uma exposição ao rei D. Miguel sobre o requerimento dos carpinteiros de móveis e semblagem contra os privilégios das fábricas, constitui um importante testemunho sobre a situação das fábricas de móveis em Portugal no início da década de trinta. De facto, em 1832 os proprietários das fábricas estabelecidas por alvará da Real Junta do Comércio enfrentaram uma forte oposição das seculares corporações dos ofícios mecânicos. O confronto não era novo, ocorrendo periodicamente desde a publicação, no já distante ano de 1761, dos decretos que permitiram àquele tribunal “autorizar todos os artistas insígnies, ou de novos inventos, a trabalharem por seus ofícios, sem que o Senado da Câmara lhes pudesse negar a licença”<sup>20</sup>. Tal como outros ofícios embandeirados, a corporação de Carpinteiro de Móveis e Semblagem havia apresentado um requerimento contra os proprietários das fábricas de móveis, solicitando a supressão de todos os alvarás concedidos pela Junta, tanto

<sup>18</sup> A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fl. 554.

<sup>19</sup> Sobre este assunto, veja-se Sousa Viterbo, *Artífices Portugueses ou Domiciliados em Portugal* (obra póstuma), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1917. Neste artigo, o autor alude à exposição de Pedro Bartolomeu Dejanete a propósito das invenções de Chauvelet e Gibert.

<sup>20</sup> José Acúrsio das Neves, *Memória sobre os meios de melhorar a indústria portuguesa, considerada nos seus diferentes ramos*, introdução e notas de Jorge Custódio, Lisboa, Editorial Quercó, 1983, p. 144.

a nacionais como a estrangeiros que trabalhavam em obras de “nova invenção ou de conhecida utilidade do reino”. A resposta de Pedro Bartolomeu Dejante é bem elucidativa da situação, pois, como outros proprietários de fábricas estabelecidas por alvará da Junta do Comércio, considerava as seculares corporações dos ofícios embandeirados obsoletas e um entrave ao desenvolvimento industrial. O documento contém ainda preciosas informações, designadamente sobre as condições de trabalho dos operários, bem como sobre as novas invenções no campo da marcenaria e sobre os seus autores, nomeadamente do próprio Dejante que declara, em sua defesa: “não foi o expositor o primeiro que fabricou em Lisboa as mezas com musica, e diversos trastes da sua invenção, ainda não conhecidos em Portugal, particularmente as mezas mechanicas graduadas que servem para escrever em todas as alturas, cuja invenção teria merecido em França uma recompensa e um privilegio exclusivo ao seu author?” (doc. 1). De acordo com o testemunho de Dejante, fora J. Chauvelet quem introduzira na capital a primeira máquina de serrar madeira em folhas, Barthelemy Thibaux o responsável pelo fabrico em Portugal dos pianos fortes e M. Gibert dos sofás ou marquesas elásticas; também se devia às fábricas a utilização, pela primeira vez, de folhas de raiz indígena em substituição das que anteriormente se importavam, bem como da técnica do polimento, o que, juntamente com as invenções atrás descritas, não só evitava as anteriores despesas com as importações, como contribuía decisivamente para o progresso da indústria portuguesa.

Inicialmente estabelecido no número 11 da Rua de S. Francisco, de acordo com as assinaturas apostas na secretária de gosto Império que executou em 1828 para D. Miguel<sup>21</sup>, em 1832, ano em que assina a exposição, Pedro Bartolomeu Dejante transferira já a sua fábrica de móveis para o n.º 21 A da Rua das Portas de Santa Catarina, junto ao chafariz do Loreto<sup>22</sup>. Aí permaneceu até à sua morte ocorrida em Paris a 2 de

<sup>21</sup> Conceição Borges de Sousa, “Mobiliário do Palácio de Belém”, in *Pintura e Mobiliário do Palácio de Belém*, Lisboa, Museu da Presidência da República, 2005, pp. 89-90 e 142-144.

<sup>22</sup> A.N.T.T., Junta do Comércio, Mç. 23, Cx. 77, “[...] Relações apuradas dos carpinteiros de móveis, ourives de ouro e prata, que ainda não foram colectados tiradas das relações do juiz do Povo”. Curiosamente, Bartolomeu Dejante é designado na lista elaborada pelo Juiz do Povo como Bartholomeu Lijant e o seu irmão, já então estabelecido na Rua do Alecrim, por Luiz Lijant. Veja-se igualmente Francisco Santana, *Documentos do Cartório da Junta do Comércio respeitantes a Lisboa, vol. II (1804-1833)*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1978, pp. 559 e 606.

Setembro de 1859<sup>23</sup>. Também o irmão, Luís José Dejante, transferiu a loja da Anunciada, que detinha desde 1826, para a zona do Chiado, que se constituía, então, como o centro elegante da capital e onde o comércio de luxo se encontrava sediado.

No seu estabelecimento, Pedro Bartolomeu Dejante vendia mobiliário diverso, entre o qual os seus inventos, designadamente as “mesas com música” e as “mezas mechanicas graduadas que servem para escrever em todas as alturas” (doc. 1). Aí vendia igualmente chaminés fabricadas por um francês, pelo menos desde 1836, ano em que um anúncio no Diário do Governo informava que “F. Lasalle, Fabricante de Chaminés, recentemente chegado de Paris a esta Capital, tem a honra de prevenir o respeitavel Publico, que ele trouxe um completo sortimento das mesmas Chaminés, cujas se acham depositadas no Armazem de moveis do Sr. B. Dejante, na Rua das Portas de Santa Catharina, e tambem se encarrega de as collocar nos seus respectivos lugares”<sup>24</sup>.

Defensor do desenvolvimento industrial e do progresso, data de 1838 a primeira notícia da participação de Dejante num certame industrial, quando enviou à Exposição de Produtos de Indústria Portuguesa, organizada pela Sociedade Promotora da Indústria Nacional, peças de mobiliário que receberam críticas favoráveis. Assim, no relatório da exposição lia-se “uma Secretária de páo Santo com bellos embutidos, e diversas Cadeiras, cada uma superior em seu genero”<sup>25</sup>. Outro marceneiro estrangeiro estabelecido em Lisboa, o italiano José Esquioppetta (ou Schiopeta), receberia igual destaque e as obras que apresentou – “uma cadeira com estofó encarnado, e uma cantoneira para sala – foram elogiosamente descritas como de “muito bom gosto, uma e outra, e primorosamente acabadas”<sup>26</sup>.

<sup>23</sup> A.N.T.T., Tribunal da Boa-Hora, 6ª Vara, 2ª Secção, Processo n.º 7097, *Autos Cíveis de justificação para habilitação em que é justificante Madame Catherine Dejante Lemoine autorizada por seu marido Adolpho Felix Camille Lemoine e justificada sua irmã D. Eugénia Dejante Rodrigues*, 1896, fls. 35v-36v. No processo consta, entre outros documentos, a cópia do assento de óbito de Pedro Bartolomeu Dejante, no qual os indivíduos que participaram o óbito declararam que contava então 61 anos. Contudo, esta informação carece de confirmação documental.

<sup>24</sup> *Diário do Governo*, n.º 259, 1/11/1836, cit. por Gustavo de Matos Sequeira, *O Carmo e a Trindade. Subsídios para a História de Lisboa*, Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1941, vol. III, p. 476.

<sup>25</sup> *Relatório Geral da Exposição de Productos de Industria Portuguesa feita pela Sociedade Promotora da Industria Nacional em 22 de Julho de 1838*, Lisboa, Tipographia de José Baptista Morando, pp. 18-19.

<sup>26</sup> *Idem*. A notícia repete-se no *Periodico dos Pobres no Porto*, n.º 26, 15 de Dezembro de 1838, cit. por José Francisco Ferreira Queiroz, *Os Cemitérios do Porto...*, p. 812.

Paralelamente a esta actividade de marceneiro, Dejante prosseguiu com as suas explorações e estudos dedicados aos mármore portugueses. Nas declarações prestadas pelo próprio à Comissão Régia para a Exposição Internacional de 1855, informa que, querendo tirar partido de alguns estudos de mineralogia, resolvera dedicar-se inteiramente à pesquisa de pedreiras de mármore em Portugal. Após anos de sacrifícios, de estudos de todo o tipo e de experiências várias, descobriu diversas pedreiras. Tendo enviado diversas amostras para Itália, não só obteve a confirmação da qualidade e diversidade dos mármore portugueses, como teve a grata surpresa de saber que muitos haviam sido usados pelos romanos, já que as amostras que enviara foram identificadas nos antigos monumentos de Roma, mármore esses de que até aí se ignorava a origem<sup>27</sup>.

Em 1841, Pedro Bartolomeu Dejante registou um novo invento, desta vez uma máquina para serrar madeiras, mármore e outros materiais<sup>28</sup>. Pouco tempo depois, instalava uma fábrica de serração de pedra movida a vapor na Rua Direita da Boa Vista, n.º 4 G, zona ribeirinha onde se encontravam outras indústrias como as oficinas de fundição e serralharia do francês João Bachelay ou a da Viúva Bachelay<sup>29</sup>.

Empreendedor, Dejante rapidamente estendeu as suas vendas à cidade do Porto, conquistando assim uma nova e importante clientela. José Francisco Queiroz, que revelou esta expansão dos negócios do marceneiro e “marmorista” francês, informa-nos que em 1843, pouco depois da instalação da fábrica da Boa Vista, o marceneiro anunciava a venda de objectos de mármore no estabelecimento de um importante comerciante do Porto, Heitor Guichard<sup>30</sup>: “Bartholomeo Dejante, enxamlador de SS. MM. faz publico que estabeleceu em Lisboa uma grande fábrica movida a vapor para serrar mármore e madeiras &c. Quem pertender algum objecto de marmore deverá remetter as medidas exactas, podendo dirigir-se à mesma fábrica na Rua Direita da Boa Vista n.º 4 ou ao seu depósito no Porto em casa de H. Guichard, Rua de S.to António n.º 23, onde já se acha à venda um bom sortimento

<sup>27</sup> Informações de Dejante publicadas no *Relatorio do Commissario Regio...*, pp. 219-221.

<sup>28</sup> “RESENHA METHODICA DAS PATENTES DE PRIVILEGIO, CONCEDIDAS DESDE 1840”, in *Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, Imprensa da Cazeta dos Tribunaes, 1847, Tomo VI, Anno de 1846-1847, p. 520.

<sup>29</sup> A.N.T.T., Junta do Comércio, Mç. 23, Cx. 77.

<sup>30</sup> Inicialmente dedicado à profissão de cabeleireiro, Guichard seria talvez um conhecimento adquirido através do cabeleireiro Andrilliat de Lisboa.

de folhas de mogne. Toma-se conta de qualquer encomenda que será desempenhada com promptidão”<sup>31</sup>.

A qualidade e variedade dos mármore e do respectivo polimento, bem como do mobiliário que executava, enriquecido não só pela diversidade dos modelos, mas também pela qualidade da execução e dos materiais nele empregues (madeiras de qualidade, tartaruga, mármore e bronzes cinzelados), consagrou Pedro Bartolomeu Dejanete junto da crítica e da clientela. Presença habitual nos certames nacionais e, mais tarde, nos internacionais, levou à Exposição da Indústria Portuguesa, promovida pela Sociedade Promotora da Indústria Nacional em 1849, diversas obras que mereceram ao júri os seguintes comentários: “o Sr. Dejanete estabeleceu uma destas officinas e expoz várias pranchas de mármore de variado colorido perfeitamente polidas; duas mezas redondas e torneadas com primor; um specimen de pouding das pedreiras da Serra do Vizo; e outros objectos que são bastantes para tornarem a sua empresa digna de animação e credora de menção honrosa”<sup>32</sup>. Os mármore provinham de Montes Claros, Estremoz, Pero Pinheiro, Serra da Estrela, Santo Antão do Tojal, Póvoa de Santo Adrião, Serra da Arrábida e Sines<sup>33</sup>. Não esquecendo a sua outra actividade, apresentou igualmente, na secção dedicada à marcenaria, “um espelho de vestir, no estilo do século de Luiz XV, uma secretária para Senhora, uma jardineira”<sup>34</sup>.

Em 1851, a “Fábrica de serração de pedra e depósito de Mármore do Reino” mantinha-se à Boa Vista<sup>35</sup>, ano em que Dejanete apresentou na Exposição Philantropica “uma jardineira de marmore portuguez, feita na fabrica movida a vapor, de Mr. P. B. Dejanete; igual a uma que foi premiada com uma medalha na Exposição Universal de Londres. – Para venda. Preço 200\$000”<sup>36</sup>.

Em Londres, nesse ano, Dejanete apresentara diversos mármore por intermédio do vogal da Comissão Carlos Bonnet<sup>37</sup>. Este havia dirigido a comissão geológica que realizou prospecções no Alentejo

<sup>31</sup> *O Gratuito, Jornal de annuncios da Typographia Commercial*, n.º 242, Porto, 20 de Julho de 1843 cit. por José Francisco Ferreira Queiroz, *op. cit.*, pp. 811-812.

<sup>32</sup> *Exposição da Industria em 1849. Relatorio geral do Jurado. Relatorios especiaes. Relação dos productos*, Lisboa, Typographia da Revista Universal Lisbonense, 1850, pp. 88-89.

<sup>33</sup> *Idem*, p. 136.

<sup>34</sup> *Idem*, p. 128.

<sup>35</sup> *Revista Universal Lisbonense*, 2.ª Série tomo IV, p. 101.

<sup>36</sup> *O Guia da Exposição Philantropica*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1851, p. 58.

<sup>37</sup> A.H.M.O.P., C.E.P.I.L. (Comissão Encarregada de Promover a Exposição dos Produtos da Indústria Portuguesa em Londres em 1851), 1851, fl. 146v.



em 1849, tendo coordenado uma carta geológica de Portugal<sup>38</sup>. Desde logo, a presença portuguesa em Londres ficou marcada pela aposta nos produtos e nas matérias-primas nacionais em detrimento dos produtos manufacturados. Assim, apesar da sua produção de mobiliário de qualidade, Dejante levou ao certame internacional peças ligadas à sua exploração e produção industrial de mármore. Aposta acertada, já que os mármore nacionais mereceram ao autor do catálogo oficial, Robert Ellis, rasgados elogios, que se repetiriam nos comentários da comissão francesa ao certame, designadamente aos mármore do Alentejo expostos por Dejante e que lhe valeram duas medalhas e uma menção honrosa. À rainha Vitória, assídua visitante da Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de todas as Nações, os mármore apresentados pelos expositores portugueses mereceram a seguinte nota no seu diário: “na mesma área estava a secção portuguesa, na qual existem também seda pura e alguns mármore bonitos, em especial alguns com uma tonalidade cor-de-rosa que é linda”<sup>39</sup>. Apesar desta excessiva exibição de matérias-primas, como alguns apontaram criticamente, marcaram presença no certame os habituais fornecedores da Casa Real com os seus produtos manufacturados: a casa Gardé & Gueyte, que expôs um “fauteuil mecanique en brocatelle, um fauteuil genre antique em páo santo estofado” e algumas peças de passamanaria; João Bachelay, que enviou um canapé de ornatos de parras de ferro fundido e outras peças de ferro, Rafael Futscher, com uma cómoda de madeira de choupo guarnecida de dourados e madeira de pau-santo e pedra mármore da Arrábida, um guarda-vestidos e uma cama de mogno estilo inglês e Inácio Caetano com uma mesa de meio de sala dourada, um baixo relevo do Infante D. Henrique e três ornatos para o vestíbulo do Palácio das Necessidades<sup>40</sup>.

Após o êxito de Londres, Dejante reforçou a aposta no mercado do norte do País. Mais uma vez, Francisco Queiroz informa-nos que Pedro Bartolomeu Dejante se deslocou pessoalmente ao Porto em finais de Agosto de 1852, publicando no *Periódico dos Pobres no Porto* diversos anúncios divulgando os seus produtos, nos quais aludia aos prémios obtidos em Londres: “Pedro Bartholomeu Dejante, marceneiro de Sua Magestade Fidelíssima e de Sua Magestade Imperial a Duqueza de

<sup>38</sup> José Francisco Ferreira Queiroz, *op. cit.*, p. 816.

<sup>39</sup> Cit. por Nicolau Andresen Leitão, *Londres 1851*, Lisboa, Expo'98, 1994, p. 72.

<sup>40</sup> A.H.M.O.P., C.E.P.I.L. (Comissão Encarregada de Promover a Exposição dos Produtos da Indústria Portuguesa em Londres), 1851, fls. 122v-123, 127v-129, 138v e 139.

Bragança, tem a honra de anunciar ao público e aos seus freguezes nesta cidade [Porto], que acaba de chegar com um bello sortimento de móveis do último gosto, espelhos com caixilhos dourados e mármore. E querendo ser agradável aos habitantes desta cidade, exporá nas salas do Hotel de França, na Rua da Fábrica n.º os bellos mármore descobertos por elle, indústria inteiramente nova em Portugal e que lhe obteve na grande exposição de Londres honrosa menção. O dia da exposição será devidamente anunciado”<sup>41</sup>. Em Setembro, seguiu-se outro anúncio no qual Dejanete comunicava a venda de diversas qualidades de mármore: “(...) Tendo chegado a coleção de 130 diferentes qualidades de mármore descobertas por elle [Dejanete] neste paiz, a qual lhe obteve na grande exposição de Londres uma medalha e recommendação honrosa, terá a honra de expor pelo espaço de 8 dias aos respeitáveis habitantes desta cidade, desde as 9 horas da manhã, até às 4 horas da tarde, a começar no dia 7 do corrente”<sup>42</sup>.

Em Outubro desse ano anunciava o seu regresso à capital: “Pedro Bartholomeu Dejanete, marceneiro de SS. Magestades, tendo de retirar-se para Lisboa, anuncia que no dia 20 do corrente pelas 11 horas da manhã, na Hospedaria Franceza, rua da Fábrica nº 13, faz leilão de móveis novos de pau mogno, espelhos em caixilhos dourados para tremós e fogões de sala, um variado sortimento de mármore de Itália, e Nacionaes, promptos para lavatórios, toucadores, mezas, commodas, e escaparates; tudo acabado na última perfeição. Os objectos estão patentes a qualquer hora do dia até ao anunciado para o leilão”<sup>43</sup>.

Um derradeiro anúncio no início de Novembro informava que o público se deveria dirigir a António José Coelho, comerciante estabelecido na Rua dos Banhos, n.º 50, agora representante de Dejanete no Porto. A loja vendia habitualmente mogno em folha, pedras de mármore redondas para jardineiras e lavatórios, e móveis, designadamente lavatórios, cómodas, certamente grande parte produzida nas fábricas de Dejanete<sup>44</sup>.

<sup>41</sup> *Periódico dos Pobres no Porto*, n.º 205, 31 de Agosto de 1852, p. 878, cit. por José Francisco Ferreira Queiroz, *op. cit.*, p. 813. No anúncio publicado não foi indicado o n.º da porta, que surge apenas no que foi publicado no mês de Outubro.

<sup>42</sup> *Idem*, n.º 210, 6 de Setembro de 1852, p. 900, cit. por José Francisco Ferreira Queiroz, *op. cit.*, p. 813.

<sup>43</sup> *Idem*, N.º 246, 18 de Outubro de 1852, p. 1053, cit. por José Francisco Ferreira Queiroz, *op. cit.*, p. 813.

<sup>44</sup> Cf. José Francisco Ferreira Queiroz, *op. cit.*, p. 814.

A 6 de Novembro de 1852, após três meses no Porto, Dejante regressava à capital no vapor Vesúvio<sup>45</sup>.

Apesar de um incêndio em 1853<sup>46</sup>, a fábrica da Boa Vista continuou a laborar, tendo sido provavelmente por esta época que foi mudada para a zona do Chiado, mais concretamente para o Largo da Abegoaria, actual Largo Rafael Bordalo Pinheiro.



Fig. 1

Pedro Bartolomeu Dejante  
Óleo sobre tela; c. 1856

Lisboa, Coleção dos descendentes de P. B. Dejante - Fotografia de Francisco Queiroz.



Fig. 2

Julie Lefort Dejante com a neta  
Lisboa, Coleção dos descendentes de P. B. Dejante.

Em 1855, Dejante voltou a marcar presença num certame internacional. À Exposição Universal de Paris enviou uma mesa de ébano e mármore, “mármore agata”, uma mesa marchetada e um pedestal de ébano; de novo em associação com Carlos Bonnet expôs diversas pranchas de mármore polido, jardineiras com molduras de mármore polido, mesas, transparentes e uma coluna de mármore também polido, “pedra

<sup>45</sup> *Periódico dos Pobres no Porto*, n.º 263, 6 de Novembro de 1852.

<sup>46</sup> Guilherme Rodrigues Esteves Pereira, *Portugal. Dicionario Historico, Chorographico, Heraldico, Biographico, Numismatico e Artistico*, Lisboa, João Romano Torres-Editor, 1904, p. 820.

lithographica” e diversas amostras de mármore<sup>47</sup>. A sua participação na exposição mereceu o aplauso do júri, tendo recebido diversos prémios: medalha de prata de 1.<sup>a</sup> classe pela colecção de mármore, medalha de 2.<sup>a</sup> classe pelas mesas de mármore e menção honrosa pelo mármore ágata<sup>48</sup>. As mesas de madeira marchetada apresentadas por Dejanete e por um marceneiro do Funchal, José Luís, foram igualmente elogiadas pelo seu cuidado fabrico<sup>49</sup>.

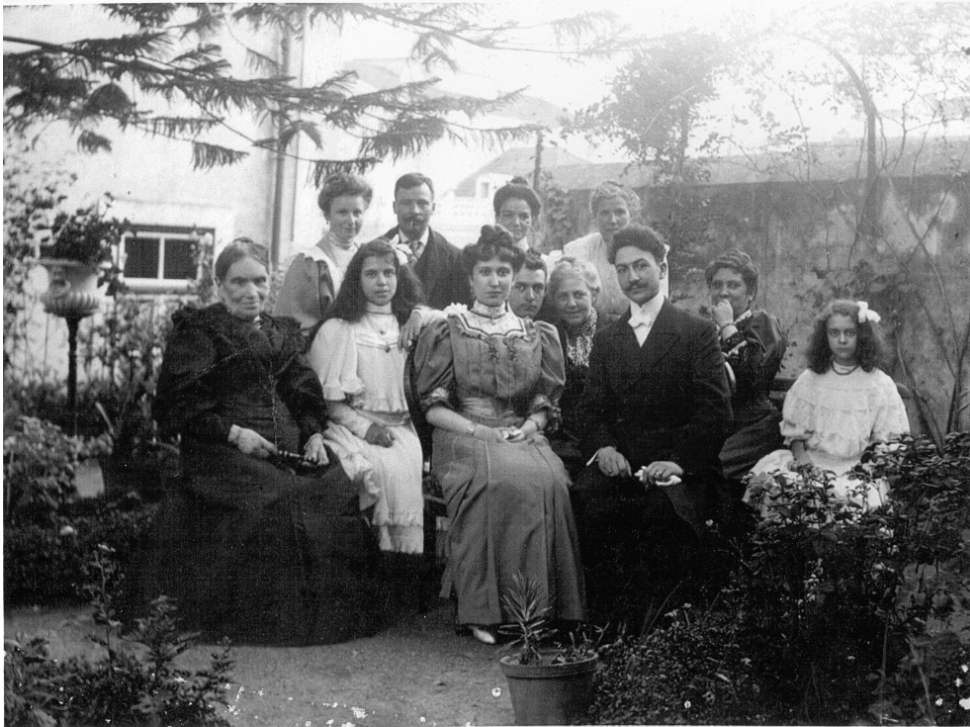


Fig. 3

Fotografia da família no jardim da residência de Catherine Dejanete, filha de Pedro Bartolomeu Dejanete (primeira figura à esquerda)  
Lisboa, Colecção dos descendentes de P. B. Dejanete.

<sup>47</sup> *Catalogo dos productos de agricultura e industria portugueza mandadas à Exposição Universal de Paris em 1855*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1855, pp. 34 e 37.

<sup>48</sup> *Relatorio do Commissario Regio junto à Comissão Imperial da Exposição Universal de Paris*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1857, Tomo I, pp. 305 e 308.

<sup>49</sup> *Exposition Universelle de 1855. Rapports du Jury Mixte International*, Paris, Imprimerie Impériale, 1856, p. 1133.

Como já referimos, nas declarações prestadas à Comissão Régia da Exposição de 1855, Dejante fornece valiosas informações sobre a sua vinda para Portugal, assim como sobre a actividade desenvolvida no nosso país. Reivindicando a recuperação da indústria dos mármore, então em franco abandono, já que, à época, apenas algumas pedreiras nos arredores de Lisboa continuavam a ser exploradas, assume-se como o responsável pela descoberta e exploração de novas jazidas de mármore. Assim, se em 1851, aquando do primeiro certame internacional, apenas identificara cerca de cinquenta jazidas, em 1855 esse número aumentara para oitenta mercê de um incansável trabalho de pesquisa a que se dedicara durante várias décadas e que intensificara com novas pesquisas com vista à sua participação na exposição de Paris. E é nesse documento que nos dá a dimensão da sua fábrica a vapor, afirmando que aí empregava mais de cem operários tanto na serração de mármore e de madeira, como na carpintaria, marcenaria, etc<sup>50</sup>.

Numa obra publicada em Paris no ano seguinte, o seu autor, o Engenheiro das Minas de Paris e membro do júri internacional, Achiles Ernest Delesse, redactor do relatório da classe na qual Bonnet e Dejante expunham, destacava, entre os materiais de construção apresentados ao certame, os mármore da Estremadura, Alentejo e Algarve expostos por Pedro Bartolomeu Dejante<sup>51</sup>.

Após a morte de Bartolomeu Dejante, ocorrida no final do Verão de 1859, certamente vitimado pela doença cujo tratamento negligenciara de modo a executar a vasta encomenda para o consórcio do rei D. Pedro V com D. Estefânia (doc. 2), tema que retomaremos neste estudo, a viúva Julie Lefort e os filhos prosseguiram a sua actividade, marcando presença, em 1861, na Exposição Industrial do Porto que decorreu nas salas da Associação Comercial do Porto (edifício da Bolsa). Aí participaram como “P. B. Dejante”, apresentando uma costureira, uma jardineira e um contador e um dos filhos, apenas identificado como “Sr. Dejante, filho”, uma mesa de pau-santo com embutidos de mármore, igual a uma que pertencia a D. Fernando II<sup>52</sup>. De novo premiada, a produção rece-

<sup>50</sup> *Relatorio do Commissario Regio junto à Comissão Imperial da Exposição Universal de Paris*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1857, Tomo II, p. 222.

<sup>51</sup> Achiles Ernest Oscar Joseph Delesse, *Matériaux de construction de l'exposition universelle de 1855*, Paris, Victor Dalmont, Éditeur, 1856, pp. 24 e 188-191. As informações repetem-se na obra de outro francês, Théodore Chateau (Théodore Chateau, *Technologie du Batiment*, Paris, A Morel, Libraire-Éditeur, 1866, tomo II).

<sup>52</sup> *O Commercio do Porto*, n.º 205, 9 de Setembro de 1861, cit. por José Francisco Ferreira Queiroz, pp. 816-817. A mesa conserva-se na família dos descendentes de Pedro Bartolomeu

beu os elogios da crítica e um artigo coevo destacou, entre as diversas mobílias de luxo expostas ao público em duas salas, juntamente com os instrumentos musicais, uma “meza de ébano do sr. Joaquim Caetano, um contador do Sr. Dejante, a primorosa meza de bilhar de D. Francisco Amorós de Barcelona e ainda outros móveis de madeira estufados, ou dourados de fabricantes de Lisboa e do Porto”<sup>53</sup>. Já na exposição de Londres de 1862, o filho, Júlio Bartolomeu Dejante, apresentou, pela secção dedicada às Colónias, alguns mármores das ilhas de Cabo Verde<sup>54</sup>. No mesmo ano morre o irmão mais velho, Luís Bartolomeu Dejante, igualmente marceneiro de profissão. Em 1865, na Exposição Internacional do Porto, que decorreu no Palácio de Cristal, é a viúva quem apresenta diversos mármores, agora com a designação de Viúva Dejante. Em 1878, no certame parisiense, segue-se uma última participação, pela qual recebem nova medalha<sup>55</sup>. Em 1881, o filho mais novo de Pedro Bartolomeu Dejante havia já falecido, terminando com ele a dinastia de marceneiros e industriais de mármores<sup>56</sup>.

## A produção de mobiliário e a clientela

Em 1865, Vilhena Barbosa, ao elogiar os progressos da indústria portuguesa no ramo da marcenaria, recordava a qualidade dos móveis de Dejante. Ouçamo-lo num artigo sobre a Exposição Internacional do Porto: “quem tem conhecimento dos moveis feitos n’esta capital para o real paço das Necessidades, por ocasião do consorcio do chorado e mallogrado rei o sr. D. Pedro V; quem tiver visto os ricos moveis de carvalho cobertos de primorosas esculpturas, tão bellos e elegantes como os que nos vem de França; quem visitar, em fim, as principais officinas

---

Dejante, tendo sido reproduzido no artigo de Francisco Queiroz, “Pedro Bartolomeu Déjante e o seu papel na indústria da pedra em Portugal”, in *A Pedra*, n.º 87, ano XXII, Outubro 2003, p. 48.

<sup>53</sup> J. Pimentel, “Um passeio pela exposição industrial do Porto”, in *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, p. 257.

<sup>54</sup> *O Commercio do Porto*, n.º 118, 23 Maio de 1862.

<sup>55</sup> A medalha conserva-se na posse dos descendentes de Pedro Bartolomeu Dejante.

<sup>56</sup> A.N.T.T., Tribunal da Boa-Hora, 6.ª Vara, 2.ª Secção, Processo n.º 7097, *Autos Cíveis de justificação para habilitação em que é justificante Madame Catherine Dejante Lemoine autorizada por seu marido Adolpho Felix Camille Lemoine e justificada sua irmã D. Eugénia Dejante Rodrigues*, 1896, fl. 6. No processo consta, entre outros documentos, a cópia do assento de óbito de Julie Lefort Dejante. Falecida a 3 de Abril de 1881, contava 84 anos, pelo que terá nascido em 1797. Aí consta igualmente que deixou duas filhas maiores, pelo que o filho Júlio Bartolomeu Dejante já não seria vivo nesta data.

de marcenaria de Lisboa, reconhecerá que este ramo de industria tem chegado ao nosso paiz a um notavel aperfeiçoamento<sup>57</sup>. De facto, coube a Pedro Bartolomeu Dejante a execução de parte, aliás a mais significativa, do mobiliário encomendado para o casamento de D. Pedro V, designadamente os móveis para os aposentos da nova rainha, importante conjunto até aqui sem autoria conhecida.

A produção de Pedro Bartolomeu Dejante para a Casa Real abarca vários reinados. Desde logo para D. Miguel, a já referida secretária de 1828, que hoje se conserva no Palácio de Belém, encomendada pela irmã do monarca, D. Isabel Maria, então regente do reino<sup>58</sup>: “uma secretária com quinze segredos, que o expositor inventou e fez na sua fabrica, a qual existe hoje no Real Palacio de Vossa Magestade, tendo-lhe sido apresentado por sua Augusta Irmãa na ocasião do feliz regresso de Vossa Magestade a este Reino, a qual merecêo a aprovação tanto dos principais artistas como de todas as pessoas esclarecidas que a examinaram” (doc.1). Trabalhara já para D. Pedro IV, de acordo com o seu testemunho em 1859 (doc.2). Apesar de não ter alvará que lhe permitisse usar o título de fornecedor da Casa Real<sup>59</sup>, Pedro Bartolomeu Dejante intitulava-se “marceneiro de Suas Magestades e de Sua Magestade Imperial, a duquesa de Bragança”. Para esta última, D. Amélia de Leuchtenberg, viúva de D. Pedro IV, terá igualmente executado mobiliário, provavelmente para o palácio que esta habitou até à sua morte em 1873: o palácio Alvor, às Janelas Verdes, onde se encontra instalado o Museu Nacional de Arte Antiga.

As encomendas para a rainha D. Maria II e para D. Fernando II foram recorrentes durante o reinado da soberana, designadamente para os palácios das Necessidades, Belém, Sintra e Pena. Em 1839, encontra-se documentada a encomenda de duas mesas de jogo para a rainha<sup>60</sup>. Para a fantasia romântica que D. Fernando criara em Sintra, Dejante forneceu móveis em 1840, bem como “duas chaminés: uma grande de mármore de Itália, azul-turquesa, e, outra mais pequena, também de mármore”<sup>61</sup>.

<sup>57</sup> “Legendas da Cidade Invicta. A Exposição Internacional de 1865”, in *Arquivo Nacional*, Lisboa, 23 de Setembro de 1932, p. 13.

<sup>58</sup> A hipótese deste móvel ter sido encomendado por D. Isabel Maria fora já colocada por Conceição Borges de Sousa, *op. cit.*, pp. 143-144.

<sup>59</sup> De acordo com as informações gentilmente prestadas pelo Dr. Lourenço Correia de Matos.

<sup>60</sup> José A. Saraiva, *O Palácio de Belém: com seus hóspedes, os seus segredos e a vida quotidiana*, s.l., Inquérito, 1985, pp. 61-62; Conceição Borges de Sousa, *op. cit.*, pp. 144-145.

<sup>61</sup> José Teixeira, *Fernando II. Rei-Artista. Artista-Rei*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 186, p. 310. Talvez as chaminés fornecidas por Dejante fossem as do francês Lasalle, que

Em 1841 forneceu um leito de ferro (fig. 5)<sup>62</sup> e no ano seguinte dois “toilettes” para o casal real (fig. 4). Para as Necessidades, Dejanete executou diversas encomendas nessa década de quarenta. Conhecem-se recibos do marceneiro datados de 1843, quando executou para a rainha D. Maria II um aparador, uma cama de mogno, canapés<sup>63</sup>, fornecendo igualmente pedras de mármore para seis fogões<sup>64</sup>. Nos anos de 1845 a 1848 entregou mobiliário para a Sala de El-Rei e para a Sala Azul, respectivamente 12 cadeiras de braços, 1 canapé e 6 cadeiras volantes, tudo entalhado<sup>65</sup> e 2 consolas, 2 canapés, 8 cadeiras de braços e 6 cadeiras volantes<sup>66</sup>, tendo executado ainda um guarda-vento para o vestíbulo da entrada da escada do palácio<sup>67</sup>. No início da década seguinte, mantinham-se as encomendas, entregando Dejanete, em 1852, um “lavatório de mogno com pedra de mármore com abas com a competente louça” e, no ano seguinte, dois lavatórios de mogno e pedra mármore, um sem espelho, um de murta redondo, uma retrete de vinhático e três bidés de murta, quatro mesas de cabeceira, sendo duas em mogno e duas em murta<sup>68</sup>, destinados ao paço de Sintra.

Para a rainha D. Maria II, Dejanete terá executado uma das suas invenções, isto é, uma mesa de música. De facto, em 1856, num dos inventários realizados após a morte da soberana, ocorrida em 1853, é referida uma “meza redonda de meio de sala mogno pé de coluna com ornatos de metal dourado e espelho em cima em lugar de pedra cuja mesa teve muzica”<sup>69</sup>. A descrição parece corresponder a uma mesa recentemente atribuída à sua produção<sup>70</sup>, actualmente no Palácio Nacional da Ajuda<sup>71</sup>. O móvel é, aliás, executado no estilo do leito de D. Maria

---

as vendia no estabelecimento de Dejanete, já que o anúncio de 1836 já referido se repete no Diário do Governo, designadamente no ano de 1843.

<sup>62</sup> José Teixeira, *op. cit.*, p. 152.

<sup>63</sup> Manuel H. Côrte-Real, *O Palácio das Necessidades*, Lisboa, Chaves Ferreira – Publicações, S.A., 2001, p. 123.

<sup>64</sup> A.N.T.T., Casa Real, Cx. 3982, doc. n.º 7 cit. por Conceição Borges de Sousa, *op. cit.*, p. 92

<sup>65</sup> A.N.T.T., Casa Real, Cx. 4142.

<sup>66</sup> *Idem*; José Teixeira, *op. cit.*, p. 164.

<sup>67</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 150.

<sup>68</sup> A.N.T.T., Casa Real, Cx. 4288.

<sup>69</sup> A.N.T.T., Casa Real, Cx. 4664, *Avaliações de todos os móveis existentes nos Reaes Paços das Necessidades. Ajuda. Belém*, [1856], fl. 7.

<sup>70</sup> Conceição Borges de Sousa, *op. cit.*, p. 147.

<sup>71</sup> A observação do móvel revelou a existência de um compartimento entre o tampo superior e o forro; este último apresenta diversas intervenções, restando na parte original diversos orifícios que sugerem a presença de um mecanismo.



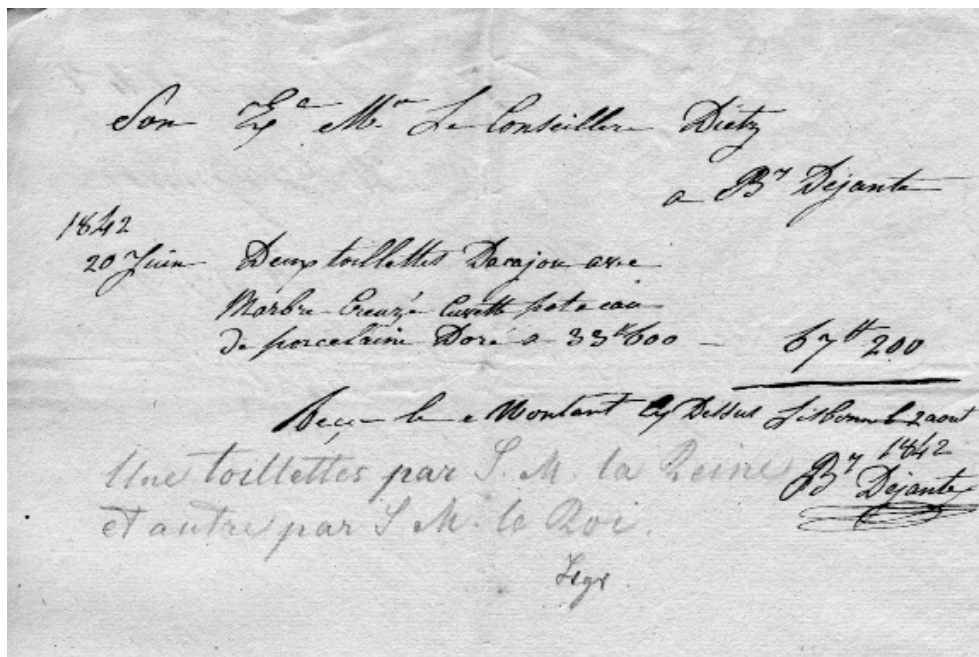


Fig. 4

Recibo de Pedro Bartolomeu Dejanete datado de 1842

AHCB-Núcleo D. Fernando II

© FCB/ Joaquim Real. Cortesia da Fundação da Casa de Bragança.

II, datado da década de 40 e igualmente atribuído a Pedro Bartolomeu Dejanete<sup>72</sup>.

São já conhecidas diversas e importantes prestações de Pedro Bartolomeu Dejanete por ocasião do casamento de D. Pedro V com D. Estefânia, quando foram realizados diversos melhoramentos nos paços reais, designadamente nos das Necessidades, Sintra e Belém<sup>73</sup>. Estes foram acompanhados de importantes encomendas efectuadas em Paris e Londres<sup>74</sup>, maioritariamente de tecidos e de tapetes, mas também às oficinas da capital. Apesar de alguns portugueses, como Inácio Caetano, entalhador e escultor da Casa Real estabelecido na Rua da Rosa ou Marcelino Domingos Veloso, entalhador, escultor e dourador com loja na Rua do

<sup>72</sup> Cf. Conceição Borges de Sousa, *op. cit.*, pp. 145-146. Ainda hoje se conserva na posse dos descendentes de Pedro Bartolomeu Dejanete uma pequena caixa de música com um mecanismo certamente idêntico ao que se encontrava na mesa.

<sup>73</sup> Conceição Borges de Sousa, *op. cit.*, pp. 99, 143 e 147; Manuel H. Côrte-Real, *op. cit.*, p. 128.

<sup>74</sup> Manuel H. Côrte-Real, *idem, ibidem*; Celina Bastos, Anísio Franco, "Desenhos e encomendas da Casa Real: móveis e projectos de decoração", in *Margens e Confluências. Um Olhar Contemporâneo sobre as Artes*, Guimarães, ESAP, Setembro 2002, pp. 47-50.

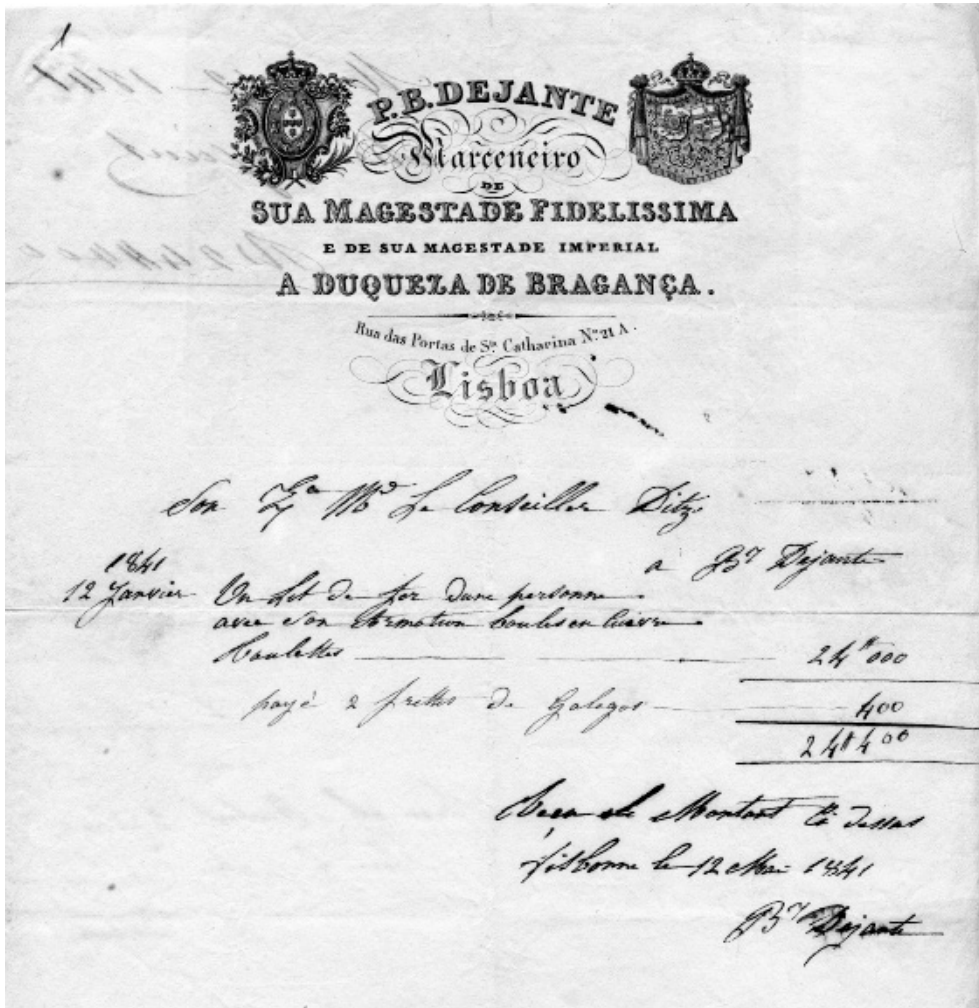


Fig. 5

Factura de Pedro Bartolomeu Dejante, Marceneiro de Sua Magestade Fidelissima e de Sua Magestade Imperial a Duqueza de Bragança, datada de 1841  
 AHCB-Núcleo D. Fernando II  
 © FCB/ Joaquim Real. Cortesia da Fundação da Casa de Bragança.

Ouro, se contarem entre os fornecedores da Casa Real, lideravam então o mercado diversos estrangeiros estabelecidos na capital. Margotteau, dourador que fornecia espelhos e molduras douradas para a Casa Real e para a Academia da Belas-Artes, e Gardé & Gueyte, armador e estofador que também vendia móveis, designadamente mobílias estofadas completas, ambos com loja na elegante Rua Nova do Carmo e ainda o marceneiro Baumberg & Irmãos, Rafael Futscher com fábrica de móveis

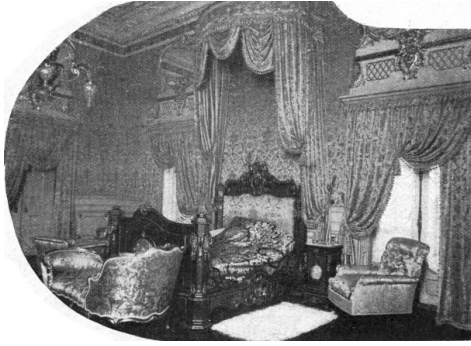


Fig. 6

Leito e mesas de cabeceira executadas por Pedro Bartolomeu Dejanete para D. Estefânia. Fotografia do quarto onde se hospedou Mr. Loubet, presidente da República Francesa, no palácio de Belém, publicada na *Ilustração Portuguesa* de 23 de Outubro de 1905.



Fig. 7

Mesa “com música” e leito de D. Maria II, atribuídos a Pedro Bartolomeu Dejanete. Fotografia dos aposentos destinados a Mr. Rouvier, presidente do conselho de ministros de França, no palácio de Belém, publicada na *Ilustração Portuguesa* de 23 de Outubro de 1905. No canto esquerdo é visível parte do tampo da secretária executada por P. B. Dejanete para D. Miguel.

ao Tesouro Velho e a fundição de ferro e serralharia de João Bachelay, à Boa Vista, contavam-se entre os diversos fornecedores a quem foram entregues importantes encomendas.

Não obstante, coube a Pedro Bartolomeu Dejanete executar grande parte dos móveis então encomendados<sup>75</sup>, designadamente as luxuosas mobílias destinadas aos aposentos de D. Estefânia no Paço das Necessidades. Contratadas a 6 de Outubro de 1857, a 16 de Junho do ano seguinte faltava apenas entregar quatro cadeiras de braços. Para os aposentos da futura rainha, Dejanete entregou ainda um “um Fogão de Marmore Branco Ditalia com Scultura em o mesmo Mármore com sua pedra dassenta”<sup>76</sup>.

O mobiliário, ao gosto revivalista e eclético da época, constava das seguintes peças: para o quarto da rainha uma mobília composta por um “riquíssimo leito de pau-rosa todo embutido de madeira de cores e ricos ornatos de bronze dourado e prateado” com o respectivo estrado, duas mesas de cabeceira no mesmo gosto, um móvel “d’appuis”, uma

<sup>75</sup> Manuel H. Côrte-Real refere que para os novos aposentos do Palácio das Necessidades foram encomendados móveis a Dejanete e à casa Gardé & Guyete, cf. Manuel H. Côrte-Real, *op. cit.*, p. 128. Veja-se igualmente Conceição Borges de Sousa, *op. cit.*, Grande parte das facturas destas encomendas guardam-se no arquivo da Casa Real (A.N.T.T, Casa Real, Cx. 4540 e Cx. 4511).

<sup>76</sup> A.N.T.T., Casa Real, Cx. 4511, doc. 16.

**P. B. DEJANTE**  
**MARCEIRO DE SS. MM. F. e de S. M. I. a**  
**DUQUEZA DE BRAGANÇA**  
 Rua das Portas de S.<sup>a</sup> Catharina 1211.  
 Lisboa.

1854  
 16 Junho

O Sr.<sup>o</sup> Francisco Antonio de Souza e Albuquerque  
 do Real Arco das Esculturas  
 a P.<sup>o</sup> B. Dejante

1	Alfama de Calabrese com seu pino de Cruzeiro deitado para o lado de cima e Alfama de Alfama e Alfama de Alfama	454,000
---	---	---------

Recibo de o Sr.<sup>o</sup> Francisco Antonio de Souza e Albuquerque  
 do Real Arco das Esculturas  
 a quanto de guardas de Alfama de Alfama  
 e Alfama de Alfama de Alfama  
 Alfama 15 de Junho 1854  
 P.<sup>o</sup> B. Dejante

**P. B. DEJANTE**  
**MARCEIRO DE SS. MM. F. e de S. M. I. a**  
**DUQUEZA DE BRAGANÇA**  
 Rua das Portas de S.<sup>a</sup> Catharina 1211.  
 Lisboa.

1854  
 Junho

O Sr.<sup>o</sup> Francisco Antonio de Souza e Albuquerque  
 do Real Arco das Esculturas  
 a P.<sup>o</sup> B. Dejante

1	para um alfama de Alfama para Alfama com Alfama	72,000
1	Alfama de Alfama com Alfama Alfama de Alfama de Alfama	49,000
2	Alfama de Alfama com Alfama Alfama de Alfama	5,000
1	Alfama de Alfama de Alfama de Alfama	26,000
1	Alfama de Alfama de Alfama de Alfama	30,000
1	Alfama de Alfama de Alfama de Alfama	9,000
1	Alfama de Alfama de Alfama de Alfama	35,000
1	Alfama de Alfama de Alfama de Alfama	14,000
		950,000

Recibo de o Sr.<sup>o</sup> Francisco Antonio de Souza e Albuquerque  
 do Real Arco das Esculturas  
 a quanto de Alfama de Alfama de Alfama de Alfama  
 Alfama de Alfama de Alfama de Alfama  
 Alfama 15 de Junho 1854  
 P.<sup>o</sup> B. Dejante

**P. B. DEJANTE**  
**MARCEIRO**  
**SUA Magestade Fidelissima**  
**de Sua Magestade Imperial**  
**A DUQUEZA DE BRAGANÇA.**  
 Rua das Portas de S.<sup>a</sup> Catharina 1211.  
 Lisboa.

1854  
 Junho

O Sr.<sup>o</sup> Francisco Antonio de Souza e Albuquerque  
 do Real Arco das Esculturas  
 a P.<sup>o</sup> B. Dejante

1	Alfama de Alfama de Alfama de Alfama com Alfama de Alfama de Alfama para Alfama de Alfama de Alfama de Alfama Alfama de Alfama de Alfama de Alfama	120,000
		5,000
		125,000

Recibo de o Sr.<sup>o</sup> Francisco Antonio de Souza e Albuquerque  
 do Real Arco das Esculturas  
 a quanto de Alfama de Alfama de Alfama de Alfama  
 Alfama de Alfama de Alfama de Alfama  
 Alfama 15 de Junho 1854  
 P.<sup>o</sup> B. Dejante

Figs. 8, 9 e 10  
 Facturas de Pedro Bartolomeu Dejante,  
 Marceneiro de SS MM. F. e de S. M. I. a  
 Duqueza de Bragança datadas de 1858,  
 com a indicação da participação nas  
 exposições internacionais de 1851 e 1855.  
 ANTT, Casa Real, Cx. 4511, docs. n.º 19,  
 20 e 16. Documentos cedidos pelo ANTT.

mesa oval destinada ao centro do aposento, um genuflexório, uma mesa redonda pequena, um sofá e quatro cadeiras de braços douradas; para o “gabinete de toilette” um toucador de tartaruga embutido de latão e bronze dourado e prateado, um espelho basculante de vestir com duas faces no mesmo gosto, um lavatório e um canapé; para a sala do piano, aposento que dava para o terraço, um móvel de apoio, uma secretária de senhora com embutidos de bronze dourado e cinzelado e a respectiva cadeira de braços, duas jardineiras, um canapé e quatro cadeiras; para a designada sala de recepção, oito cadeiras de braços e um canapé em madeira dourada, um grande móvel de apoio incrustado de tartaruga e latão e com ornatos de bronze dourado e cinzelado, uma “étagère” no mesmo gosto, uma mesa grande de centro em madeira dourada e pedra mármore branca de Itália e uma consola no mesmo gosto<sup>77</sup>.

Um ano depois, em 1859, Pedro Bartolomeu Dejante ainda não recebera o pagamento pelo mobiliário que fabricara para o casamento. De facto, o marceneiro apresentara uma conta no valor de 11710\$400 réis<sup>78</sup>, quantia superior à estabelecida no respectivo contrato, datado de 6 de Outubro de 1857, quantia avultadíssima que originou um conflito. De partida para Paris, onde os seus interesses o chamavam, mas também para se tratar de uma enfermidade cujo tratamento negligenciara a que sucumbiria em Setembro desse ano, Dejante dirige-se ao Conde da Ponte numa missiva na qual se intitula, orgulhosamente, artista (doc. 2). O documento constitui um valioso e derradeiro testemunho de Dejante, no qual não só justifica o excesso da conta pelo facto de ter enriquecido os móveis que constavam dos desenhos, como nos fornece uma série de preciosos elementos biográficos. Nele nos informa da sua vinda para Portugal em 1821 e das variadíssimas prestações executadas para diversos monarcas. Altivo, recorda o seu importante contributo para a indústria portuguesa, bem conhecido de todos e enriquecido agora com esta nova realização: os móveis para o real consórcio, os quais eram, mais uma vez, uma importante contribuição do marceneiro para o progresso da indústria portuguesa. Nas suas palavras, o luxuoso mobiliário que conseguira fabricar em Portugal por artistas portugueses, era algo que nunca fora feito e que, talvez, nunca mais o voltasse a ser,

<sup>77</sup> A.N.T.T., Casa Real, Cx. 4497, doc. 147. Encontram-se no Palácio de S. Lourenço, na Madeira, o espelho, o armário (meuble d'appuis), a secretária, a consola ou mesa de encostar, a étagère, as quatro cadeiras de braços, duas senhorinhas, os dois sofás e as duas floreiras, cf. Conceição Borges de Sousa, *op. cit.*, p. 153. No Palácio da Ajuda encontra-se exposto o leito, as duas mesas de cabeceira e um dos móveis de apoio ou armário da mobília de quarto, conservando-se igualmente um armário em estilo *Bouille*.

<sup>78</sup> A.N.T.T., Casa Real, Cx. 4497, doc. 147.



Fig. 11

Pedro Bartolomeu Dejante & Filho, 1857

Secretária de D. Pedro V

FCB, Inv.º PDVV 1380

© FCB/ Joaquim Real. Cortesia da Fundação da Casa de Bragança.



Fig. 12

*P. B. Dejante & Filho, 1857*

Placa/ Secretária de D. Pedro V

FCB, Inv.º PDVV 1380

© FCB/ Joaquim Real. Cortesia da Fundação da Casa de Bragança.

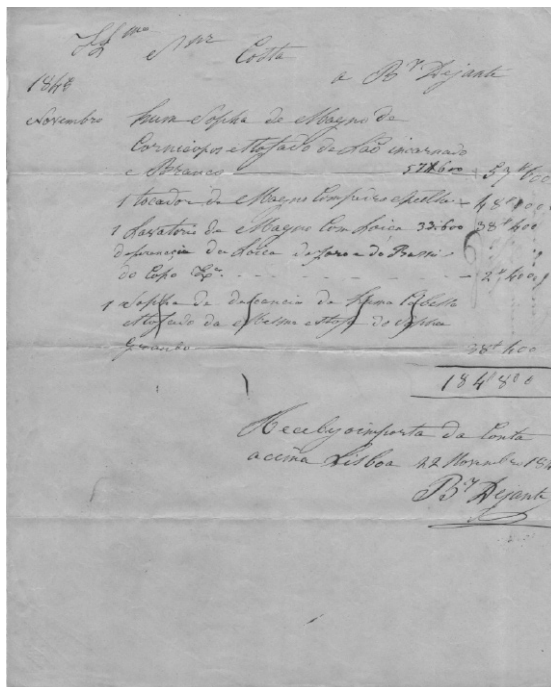


Fig. 13  
Recibo do marceneiro B. Dejanete, 1845  
Colecção particular, Lisboa.

tendo obtido o aplauso dos artistas e do público durante a exposição pública dos móveis, a qual fora, mais uma vez, devidamente divulgada<sup>79</sup>.

Parte deste mobiliário de D. Estefânia, que actualmente decora a sala Vermelha do Palácio de S. Lourenço no Funchal, seguiu um gosto revivalista com embutidos à maneira de André-Charles Boulle, tão do apreço da imperatriz Eugénia. O estilo, que as exposições internacionais, designadamente a de Paris de 1855, haviam divulgado e que a industrialização tornou acessível a uma vasta e diversíssima clientela, fora já seguido no ano anterior, na secretária para D. Pedro V, desenhada e entregue por Dejanete em 1857, actualmente no Paço Ducal de Vila Viçosa. Encomendada aquando das obras de remodelação a que o novo monarca procedeu nas Necessidades, nela colaborou um dos filhos, certamente Luís Bartolomeu Dejanete, que seguira a profissão do pai e com ele trabalhava, de acordo com a placa aposta na secretária do monarca, na qual orgulhosamente Pedro Bartolomeu Dejanete sublinha o seu contributo para

<sup>79</sup> *O Ecco Popular*, n.º 102, 7 de Maio de 1858, cit. por José Francisco Ferreira Queiroz, p. 816. Os bilhetes para essa exposição podiam ser levantados nos armazéns de Dejanete ao Chiado.

o desenvolvimento industrial e artístico de Portugal: “P.B. DEJANTE & FILHO MARCENEIROS DE SUAS Magestades inventou deSENHOU E FEZ POR EM PRÁTICA NA SUA OFFICINA PELOS SEUS OFFICIAES E ARTISTAS PORTUGUESES EM LISBOA NO ANNO DE 1857”<sup>80</sup>.

O marroquim azul, cujo fabrico se iniciara pela primeira vez quarenta anos antes, foi executado por outro habitual fornecedor da Casa Real, a “Livraria portuguesa e estrangeira, e officina de encadernador Ferreira & Nunez”, estabelecida na Rua do Chiado n.º 7. Para a secretária de D. Pedro V, o marceneiro executou ainda uma “cadeira de brasso estofado de Marocain embutido de latão e ornatos doirados para secretaria del Rei o S.r Dom Pedro V”<sup>81</sup>, no valor de 72\$000 réis.

Detentor de uma vasta clientela, que se estendia, como vimos, à cidade do Porto, Pedro Bartolomeu Dejanete, a julgar pelas importantes prestações para a Casa Real, terá trabalhado igualmente para destacadas figuras da sociedade, como D. Pedro de Sousa Holstein, duque de Palmela, para quem fabricou duas estantes. Estas foram oferecidas por D. Pedro a Almeida Garrett, sendo descritas pelo amigo e biógrafo do escritor, Francisco Gomes de Amorim, como “duas bellas estantes de pau santo, presente do fallecido Duque de Palmela, D. Pedro. Eram moveis de estylo severo, que alliam a elegancia à commodidade, tendo uma ordem de gavetas para papeis, quasi a meia altura”<sup>82</sup>. A sua descrição pormenorizada é dada pelo inventário, no qual são referidas como “duas estantes de madeira de páo santo, tendo cada uma 5 gavetas e ambas com colunas aos lados e guarnição em cima”<sup>83</sup>, conservando-se actualmente na biblioteca da Faculdade de Letras de Coimbra, na sala Ferreira Lima<sup>84</sup>. Também para D. Fernando II, Dejanete executara um armário para livros para o Palácio das Necessidades<sup>85</sup>.

<sup>80</sup> José Teixeira, *O Paço Ducal de Vila Viçosa*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1983, p. 232.

<sup>81</sup> A.N.T.T., Casa Real, Cx. 4540, doc. 46. Factura datada de 13 de Julho de 1859 e assinada P. B. Dejanete, cf. Conceição Borges de Sousa, *op. cit.*, p. 166.

<sup>82</sup> Francisco Gomes de Amorim, *Garrett: Memórias biográficas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1884, vol. III, p. 606.

<sup>83</sup> Henrique de Campos Ferreira Lima, “A Livraria de Garrett”, in *Livros. Mensário da Vida Literária Portuguesa*, Setembro e Outubro de 1925, n.º 6, p. 163.

<sup>84</sup> *Revista de História Literária de Portugal*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Românicos”D. Carolina Michaelis de Vasconcelos”, 1962, p. 354.

<sup>85</sup> José Teixeira, *Fernando II. Rei-Artista. Artista-Rei*, Lisboa, Fundação Casa de Bragança, 186, p. 155.



## Louis Joseph Dejante (n. Paris, act. Lisboa c. 1821-f. Lisboa 1833)

Louis Joseph Dejante, que em Portugal assinava Luis Dejante (ou Déjante)<sup>86</sup>, aprendera a profissão de marceneiro em Paris<sup>87</sup>, onde nascera<sup>88</sup>. Trabalhou durante muito tempo como contramestre na “Fabrica de Carpinteiro de Móveis e Semblagem” do irmão, Pedro Bartolomeu Dejante, tendo depois ocupado idêntico cargo na “Fábrica de Móveis” estabelecida pelo alemão João Wenck na Rua da Anunciada, n.º 203, onde, aliás, ambos viviam. Mestre do referido ofício era, nas palavras do irmão e do alemão Wenck, um dos mais perfeitos artista do seu ofício “não só nos seus trabalhos mas em toda a qualidade de Risco e Arquitectura que precisa para as obras deste ofício”<sup>89</sup>.

Ainda como contramestre da fábrica executou diversas encomendas para importantes figuras da capital, como o conde de Alva, bem como a cadeira que serviu ao rei D. João VI durante a sua enfermidade<sup>90</sup>. Curiosamente, o príncipe Félix Lichnowsky relata, nas *Recordações do Ano de 1842*, tê-la visto em Queluz, no quarto D. Quixote descrevendo-a como “uma vasta poltrona de marroquim vermelho, onde jazeu enfermo D. João VI, onde D. Miguel padeceu com a fractura de um femur, e onde D. Pedro exalou o último suspiro. Ousei deitar-me nela apesar da consciência do pouco que eu valho”<sup>91</sup>.

Em 1826, Luís Dejante adquiriu a fábrica de João Wenck, que então se ausentava para o Brasil, para a cidade da Baía. João Wenck contava-se entre os muitos estrangeiros então estabelecidos em Portugal. Natural da Vestefália, onde aprendera a profissão, viera para Portugal como oficial de marceneiro por volta de 1819, após cinco anos de aprendizagem e

<sup>86</sup> A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fl. 434.

<sup>87</sup> A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fl. 439. Assim o declara o deputado da Junta do Comércio ao proceder às averiguações necessárias para que fosse concedido a Luis Dejante continuar em seu próprio nome a Real Fábrica de Móveis do marceneiro alemão João Wenck, aonde desempenhava o cargo de contramestre. Ver nota 12.

<sup>88</sup> A.N.T.T., A.D.L., Registos paroquiais de Lisboa, freguesia de S. Paulo, Lv. 5-C, fl. 46. O casamento foi celebrado a 11 de Outubro de 1827. Luis José Dejante morava em Lisboa na Rua do Alecrim, freguesia de S. Paulo. De nação francesa, era filho legítimo de Bartholomeu Dejante e de Dionisia (Anne Denis) Boucaut (?) naturais de Paris, tendo sido baptizado na Freguesia de S. Roque (Saint Roch) de Paris “e os pais recebidos na Igreja Paroquial de Santa Maria Madalena da cidade de Paris reino de França”.

<sup>89</sup> A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fls. 444 e 445.

<sup>90</sup> Idem, Móveis, fl. 440.

<sup>91</sup> Príncipe Lichnowsky, *Portugal, Recordações do Anno de 1842*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1845, p. 42.

três como oficial na sua cidade natal, Oldemburgo<sup>92</sup>. Wenck fora chamado a Portugal pelo inglês João Henriques Luís Hinckeldey<sup>93</sup>, mestre marceneiro que se fixara em Lisboa, em 1816, fundando uma “fábrica de móveis finos e polidos” localizada na Rua Direita de S. Paulo. O estabelecimento, especializado em móveis ao gosto de Paris e de Londres, contava com uma clientela ilustre, como os duques de Cadaval e de Lafões, para quem fornecera mobiliário aquando dos respectivos consórcios<sup>94</sup>. Hinckeldey detinha, desde 1825, o privilégio exclusivo por 14 anos de uma máquina para serrar madeiras finas em folhas delgadas<sup>95</sup> e em 1830 fundou nova fábrica: a “Real Fabrica de Pianos, de todas as qualidades, Harpas e outros Instrumentos, de Hinckeldey & Thibaux”, em sociedade com Bartolomeu Thibaux, fabricante de instrumentos musicais<sup>96</sup>. João Wenck trabalhou durante três anos como oficial na fábrica de móveis polidos de Hinckeldey<sup>97</sup>, aprendendo novas técnicas como o polimento de diversos tipos de madeiras e a aplicação de folheado em “obra concava, ou redonda”<sup>98</sup>. A esta aprendizagem seguiram-se dois anos, também como oficial, na “Fabrica de Móveis” do mestre Henry Leblanc na Rua Larga de S. Roque<sup>99</sup> e, finalmente, oito meses na Real Fábrica de Móveis do marceneiro italiano José Esquioppetta<sup>100</sup>. Este último, que em 1815 obtivera o grau de mestre<sup>101</sup>, estabeleceu-se ao Tesouro Velho<sup>102</sup>, onde tinha a loja e armazém de móveis com privilégio de fábrica por provisão de 9 de Maio de 1825, o que o autorizava a empregar oficiais de diversos ofícios necessários aos novos inventos que aí executava: mobiliário “de diversos gostos Chineses, Gregos e de outras Nações”<sup>103</sup>, móveis dourados, e embutidos e “toda a sorte de semblages”<sup>104</sup>. À época, o italiano,

<sup>92</sup> A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fl. 216.

<sup>93</sup> Apesar de se declarar inglês, Hinckeldey surge, por vezes, referido como alemão, cf. A.N.T.T., Desembargo do Paço, Corte, Estremadura e Ilhas, Mç. 1584.

<sup>94</sup> Idem.

<sup>95</sup> Idem.

<sup>96</sup> Idem.

<sup>97</sup> A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fls. 216 e 219.

<sup>98</sup> A.N.T.T., Desembargo do Paço, Corte, Estremadura e Ilhas, Mç. 1584

<sup>99</sup> A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fls. 216 e 220.

<sup>100</sup> José Esquioppetta pertencia a uma família de artistas estabelecidos em Portugal. Sobre este assunto, veja-se Agostinho Rui Marques de Araújo, “Artes várias, duros tempos. Notas para o estudo de uma família ítalo-portuguesa (ca. 1788-1838)”, in *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, Porto, 2001, I Série, vol. 1, pp. 149-172.

<sup>101</sup> A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fls. 341 e 342.

<sup>102</sup> Idem, fls. 216, 218 e 335.

<sup>103</sup> Idem, Móveis, fl. 339.

<sup>104</sup> Idem, Móveis, fl. 338.

natural de Roma, executava uma importante encomenda para o 2º barão de Quintela, conde de Farrobo: “todos os móveis, e trastes do gosto mais moderno”<sup>105</sup>, provavelmente para o palácio da Rua do Alecrim que nos anos de 1822 e 1823 fora completamente remodelado, ocasião em que as paredes receberam as pinturas que reproduzem tapeçarias executadas em 1822 por António Manuel da Fonseca para o seu protector e mecenas. Em 1825, João Wenck trabalhava na casa do mestre relojoeiro David Guinié<sup>106</sup>, aí desenvolvendo a actividade de marceneiro, certamente executando caixas para relógios. No mesmo ano, estabeleceu-se como mestre, com loja e habitação à Anunciada<sup>107</sup>, estabelecimento que, pouco tempo depois, viria a ceder ao seu contramestre Luís Dejante, com “todos os aprestos, ferramentas e mais utensílios”<sup>108</sup>.

Luis Dejante dirigiu a “Fabrica de Móveis” até 1833, ano da sua morte. Situada na Rua da Anunciada, n.º 203, foi, mais tarde, transferida para a Rua do Alecrim, n.º 40 “para melhor comodo do publico”<sup>109</sup>, local onde já se encontrava instalada em 1832<sup>110</sup>. Tal como o estabelecimento de seu irmão, a “Real Fabrica de Móveis” de que era proprietário mantinha o privilégio de “nova invenção e manufacturas de reconhecida utilidade publica”, obtido pelo anterior proprietário, o que lhe permitia empregar artistas e artífices de outros ofícios, como o escultor a quem a viúva, Teresa Ferin Dejante, pagaria após o óbito de seu marido.

Casado em Lisboa com Maria Teresa Ferin em 1827<sup>111</sup>, Luís Dejante foi uma das muitas vítimas da epidemia de “colera morbus” de 1833, tendo deixado três filhos menores: Luis José Dejante, nascido em Lis-

<sup>105</sup> Idem, Móveis, fl. 339.

<sup>106</sup> Idem, Móveis, fl. 216.

<sup>107</sup> Idem, Móveis, fls. 216 e 217.

<sup>108</sup> Idem, Móveis, fl. 439.

<sup>109</sup> Idem, Móveis, fl. 560.

<sup>110</sup> À data do casamento, em 1827, morava na Rua do Alecrim (A.N.T.T, A.D.L., Registos paroquiais de Lisboa, freguesia de S. Paulo, Lv. 5-C, fl. 46) e Luís Amaral, *Índice dos Registos Paroquiais de Lisboa – Casamentos – 1826-1830*, vol. VI, Lisboa, Guarda-Mor, 2008, p. 508. Em Março de 1832 já se encontrava estabelecido nessa rua, cf. A.N.T.T., Desembargo do Paço, Corte, Estremadura e Ilhas, Mç. 1584, [1832]. Em Maio de 1832 Luis Dejante matriculou dois aprendizes: António Joaquim Cordeiro e António dos Santos, cf. A.H.M.O.P., JC-8, Móveis, fl. 435 e 436.

<sup>111</sup> A.N.T.T, A.D.L., Registos paroquiais de Lisboa, freguesia de S. Paulo, Lv. 5-C, fl. 46. Maria Teresa Ferin, nascida a 6 de Novembro de 1808, era natural e baptizada na freguesia de Nossa Senhora da Lapa “aonde mora em casa de seus pais na Rua da Santissima Trindade”, João Baptista José Ferin e Catarina Masson, cf. Manuel Arnao Metello, *A Família Ferin em Portugal “Mais de um século de tradição livreira”*, Braga, Separata do *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, Ano XX, Julho-Dezembro 1975, n.º 73-74. p. 13.

boa a 18 de Outubro de 1828<sup>112</sup>, que se estabeleceu como comerciante de vinhos (Dejante & C.<sup>a</sup>); Bartolomeu Achilles Dejante, nascido a 28 de Julho de 1830<sup>113</sup>, afilhado de Pedro Bartolomeu Dejante e de Catarina Andrilliat e que viria a desenvolver uma importante carreira como engenheiro<sup>114</sup> e Francisco Dejante. Este último, nascido a 13 de Junho de 1832<sup>115</sup>, recebera o nome do padrinho, François Andrilliat, o célebre cabeleireiro francês do Chiado, mas pouco tempo sobreviveria ao pai, falecendo no mesmo ano de 1833<sup>116</sup>. O inventário orfanológico, realizado em 1837 a pedido da viúva que então se preparava para contrair novo matrimónio, agora com o livreiro Pedro Langlet<sup>117</sup>, fundador em 1840 do estabelecimento que viria a ser a actual Livraria Ferin<sup>118</sup>, fornece preciosas informações não só da situação económica do casal, como das relações familiares e sociais desenvolvidas maioritariamente entre os membros da colónia francesa estabelecida em Lisboa. Moravam então na Rua Larga de S. Roque, n.º 6<sup>119</sup> (actual Rua da Misericórdia), perto do seu estabelecimento.

A morte de Luís Dejante obrigou a viúva a continuar por alguns meses a laboração da fábrica de modo a pagar aos credores do marido. Assim, para pagamento das dívidas, Maria Teresa Ferin pediu licença, a 15 de Julho desse ano, para continuar em seu nome a fábrica do seu marido, procedimento, aliás, habitual. Tendo obtido a necessária licença, a viúva, “fazendo trabalhar os operários por espaço de seis meses”, conseguiu pagar gradualmente aos credores com o produto da venda dos móveis” feitos, por acabar, e outros a principiar”<sup>120</sup> e das madeiras, mármore e

<sup>112</sup> Manuel Arnao Metello, *op. cit.*, p. 13. Igreja de S. Luís dos Franceses, Registos paroquiais, St. Luis, Baptêmes, 1725-1870, n.º 640.

<sup>113</sup> Manuel Arnao Metello, *op. cit.*, p. 13. Igreja de S. Luís dos Franceses, Registos paroquiais, St. Luis, Baptêmes, 1725-1870, n.º 660.

<sup>114</sup> Bartolomeu Aquiles Dejante obtivera o diploma de engenheiro civil mecânico pela Escola Especial das Minas e das Artes e Manufacturas na Bélgica. Em 1860 participou nos estudos da marginal do Douro e em 1864 trabalhou na fiscalização dos Caminhos-de-ferro do Leste e Norte. Em 1870 trabalhava nas Obras Públicas do Distrito de Lisboa, sendo o autor do projecto da Avenida Central de Lisboa (cf. A.H.M.O.P., C.P.I., Processo individual de Aquiles Bartolomeu Dejante). Faleceu a 24 de Agosto de 1872, cf. Manuel Arnao Metello, *op. cit.*, p. 13.

<sup>115</sup> Igreja de S. Luís dos Franceses, Registos paroquiais, St. Luis, Baptêmes, 1725-1870, n.º 678.

<sup>116</sup> Manuel Arnao Metello, *op. cit.*, p. 13.

<sup>117</sup> A.N.T.T., A.D.L., Registos paroquiais de Lisboa, freguesia da Encarnação, Lv. 20-C, fl. 130v.

<sup>118</sup> Manuel Arnao Metello, *op. cit.*, p. 13.

<sup>119</sup> A.N.T.T., Tribunal da Boa Hora, 2ª Secção, 4ª Vara, Mç. 12, Cx. 19, Processo n.º 38022.

<sup>120</sup> Idem, f. 15.

ferramentas existentes na “loja de Marceneiro”, como também é mencionada esta fábrica de móveis.

A lista com os móveis vendidos, apenas ao inventário, dá-nos a dimensão da fábrica e da variedade da sua produção, que poderemos entender como anual uma vez que parte das existências estavam finalizadas, ou quase, e as restantes demoraram seis meses a finalizar. Assim, encontravam-se na loja, em diversas fases de execução: doze cadeiras (43\$200 réis), um leito de acajú (74\$400), duas mesas de cabeceira (36\$400), uma base de relógio (7\$200), um toucador com vidros e mármore (49\$400), um sofá (24\$000), um sofá estofado (48\$000), um mármore redondo (17\$200), uma mesa redonda com mármore (48\$000), duas cómodas com mármore (72\$000), uma mesa de jantar (120\$000), duas mesas de jogo (48\$000), vinte e quatro cadeiras (57\$600), um tremó com espelho e mármore (300\$000), um tremó “princiado (134\$400), toda a madeira e folhas (153\$560), madeira vermelha (34600), diversas folhas de mogno (12\$000), ferramenta (19\$200), uma fechadura (4\$800), um mármore de cómoda (14\$400) e uma tabuleta (4\$800). Aí se encontravam algumas peças para consertar, cujos arranjos importaram em 58\$850, a que se acrescentou o conserto de um toucador no valor de 5\$000.

Curiosamente, apesar da qualidade dos móveis que executava para a sua clientela, de acordo com o gosto da época que privilegiava a utilização da madeira de mogno, a casa do marceneiro a São Roque encontrava-se escassamente mobilada, com móveis modestos e velhos (muito usados, na expressão do avaliador, o marceneiro Leandro José Soares): um conjunto formado por “seis cadeiras e um canapé de murta com assentos de palhinha e costas de grade da mesma madeira”<sup>121</sup>, avaliado em 7\$200, “um guarda roupa feitio à franceza de madeira de vinhático com huma gaveta e duas portas com puxadores pretos”, avaliado em 8\$000 réis, “um leito de casados de armação com falta de régua de madeira de murta, cabeceira moderna”, avaliado em 3\$000 réis, um banco de cozinha de madeira de pinho avaliado em 400 réis, um colchão de casados cheio de lã com pano de riscado de Hamburgo avaliado em 3\$000 réis e um enxergão de pano riscado avaliado em 1\$200 réis.

Encontra-se, assim, traçado o percurso biográfico de dois elementos da família Dejante, Pedro Bartolomeu Dejante e Luís José Dejante, que as convulsões sociais e políticas da Europa do início de Oitocentos

---

<sup>121</sup> Idem, fl. 11.

trouxeram a Portugal. As mortes precoces do filho de Pedro Bartolomeu Dejante, Luís Bartolomeu Dejante, ainda novo e sem descendência e do irmão, Luís José Dejante, a par dos rumos distintos que seguiram os filhos deste último – dedicados respectivamente ao comércio de vinhos e à engenharia – terão determinado o fim daquela que fora uma importante dinastia de marceneiros e industriais no Portugal de Oitocentos.

Os progressos técnicos, as novidades e os novos materiais introduzidos pelos estrangeiros radicados em Portugal no primeiro quartel do século XIX permitiram o desenvolvimento da, então, mais que incipiente indústria portuguesa. Pedro Bartolomeu Dejante foi um desses pioneiros que em Portugal lutou, num esforço combinado, pelo desenvolvimento das artes e da industria\*.

## Apêndice documental

### Documento n.º 1

A.N.T.T., Desembargo do Paço, Corte, Estremadura e Ilhas, Mç. 1584, *Exposição dirigida a Sua Magestade por Pedro Bartolomeu Dejante, Fabricante de Moveis e novos inventos, em resposta ao termo de reclamação que fez a corporação do Officio de Carpinteiro de Moveis, contra as Fabricas do dito Officio* [1832], n/n.

Exposição dirigida a Sua Magestade Fidelissima, o Senhor D. Miguel Primeiro, por Pedro Bartholomeu Déjante, em resposta ao termo de reclamação que ao mesmo Augusto Senhor fez a Corporação do Officio de Carpinteiro de Moveis e semblagem, contra as Fabricas mesmo dito officio estabelecidas n'esta Cidade.

P. B. Déjante, Francez de Nação, estabelecido há onze anos n'esta capital, como proprietario de uma Fabrica de Moveis e novos inventos de ornato por Alvará da Real Junta do Commercio em consequencia de ter appresentado um traste mecanico de sua invenção, o qual merecêo os suffragios, e approvação da mesma Real Junta, e de todas as pessoas peritas e conhecedoras do verdadeiro mérito; e como tal tem continuado a gozar a consideração das primeiras personagens d'este Reino, com a maior segurança á sombra das sábias leis dictadas pelos Augustos Predecessores de Vossa Magestade, para o progresso da industria, e aperfeçoamento das Artes: tendo tido conhecimento

---

\* Agradeço a todos aqueles que tornaram possível este estudo, designadamente: Fundação da Casa de Bragança; Dr. João Gonçalo do Amaral Cabral, Presidente do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança; Dr.<sup>ª</sup> Maria de Jesus Monge, Directora do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança; Arquivo Nacional Torre do Tombo; Dr.<sup>ª</sup> Isabel Carneiro, Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas; Dr. Francisco Queiroz; João Paulo Dias Pinheiro, Director-Geral da Livraria Ferin; Padre Jean Duranton, Reitor da igreja de S. Luís dos Franceses; Dr.<sup>ª</sup> Maria do Carmo Rebelo de Andrade; Arq. Eduardo Alves Marques; Dr. Lourenço Correia de Matos; Dr.<sup>ª</sup> Conceição Borges de Sousa; Dr.<sup>ª</sup> Sabine Volkmann; Dr. Ramiro Gonçalves; Dr. Anísio Franco; Dr.<sup>ª</sup> Maria João B. de Matos. Finalmente, expresso aqui a minha gratidão aos descendentes de Pedro Bartolomeu Dejante e Luís José Dejante, que generosamente contribuíram para este estudo: Dr. Jorge Estrela, Dr. Paulo Almeida e Dr.<sup>ª</sup> Diana de Noronha Dejante Arnao Metello.

por meio do Escrivão dos Reaes Feitos, de um requerimento, ou para melhor dizer, de um ataque dirigido contra os Fabricantes do mesmo Officio, e contra as Artes em geral, que à Augusta Presença de Vossa Magestade levou a corporação do Officio de Carpinteiro de Moveis e Semblagem, queixando-se dos supra dictos Fabricantes, com a clausula prescripta de responderem dentro em trez dias. O expositor, pelo que lhe diz respeito, tem a dizer que essa intimação é ilegal e abusiva; salvo se à Carta de Privilegios que Vossa Magestade concedêo aos estrangeiros domiciliados e estabelecidos n'este Reino, não se dá o cumprimento devido; pois que de outro modo só lhe poderia ser dada pelo Juiz competente, a saber, o seu Conservador; todavia o Expositor, respeitando as Regias Determinações de Vossa Magestade, tem a honra de expender o seguinte:

Que o regimento que citão os Requerentes não pode, nem deve ser applicado a estrangeiros, que tendo sido mestres estabelecidos em seus países, vierão a este Reino propagar a sua industria e conhecimentos a bem do progresso das Artes, e não para deteriorar d'ellas, conforme dizem os requerentes: todavia suppondo que haja algum que pareça estar n'este caso, quaes são os peritos que os devem julgar? Serão acaso os juizes do Officio, que pela maior parte, para não dizer todos, não tem os conhecimentos prescriptos pelo Regimento a que se referem, para o podderem ser? não se tem elles dado bem a conhecer ha annos a esta parte pelas optimas eleições que tem feito?

Porque, qual será o Artista com merito, e que tenha cansado a sua imaginação em fazer descobertas e inventos tendentes ao aperfeiçoamento da Arte, quer seja estrangeiro, quer Portuguez, que se queira submeter ao exame de um ou mais d'esses abalisados mestres, cujas produções se limitão finalmente a uma barraca de Adélo, ou custosa tenda de Ferro-velho na Feira da Ladra, e na Calçada de Santa Anna, sendo d'estes todavia, que se compõe os juises do officio, e rigorosos Avistharcos [?] do merito e talento dos verdadeiros Artistas!!! Acaso serão estes homens capases para dar o appreço devido a qualquer invenção? não por certo.

O que seria das Artes, se homens de tal natureza se quisessem installar censores d'ellas? Bem depressa veriamos renascer os seculos da ignorancia, e ... porem felizmente, ha um tribunal esclarecido, composto de membros respeitaveis, qual é a Real Junta do Commercio, o qual foi creado para julgar, apreciar, e dar impulso às Artes, e animar a industria, e não para as envilecer e aniquilar.

Dizem os requerentes no termo que levárão à Augusta Presença de Vossa Magestade que «, desgraçadamente se observa que alguns individuos, que inhabeis, não podendo conseguir approvação por não se attreverem, nem ao menos a riscar a peça estabelecida para o exame, se figurárão habeis com obras alhêas, e obtiverão pela Real Junta do Commercio, Alvará para abrirem Fábricas, illudindo o público com suas manufacturas imperfeitas e prejudiciaes ao officio». Esta é a mais infame das calumnias a qual deveria recair sôbre os seus authores. Sem embargo, visitem as fabricas esses mestres da Arte, visto que de nada valem os direitos da Real Junta do Commercio, sendo não obstante esta só que tem direito de nomear uma Commissão de peritos para julgarem o merito das manufacturas: visitem, muito embora, e examinem, e ver-se-á então quem engana o publico? Conhecer-se-á então se não são as Fabricas que occupão um numero consideravel de operarios, em quanto a maior parte dos queixosos não são mais do que meros contratadores, que tem no vão de uma escada um operario a trabalhar, quasi exposto ás injúrias do tempo, só para concertar alguns trastes velhos, juntando a isto um armazem, aonde alguns desgraçados mestres vão offerecer os seus moveis, quasi sempre máos, visto offererem-lhes por elles preços mui vis: esses mestres, sendo elles quem trabalha, deverião ter alguns operarios e apprendizes, e mesmo exercer cargos no officio, são os que raramente conseguem isto, pois que vendendo as suas manufacturas a esses contratadores só encontrão a miseria e falta de animação.

Emquanto não houverão esses denominados armazens de moveis, o officio florescêo; cada mestre tinha o seu armazem particular; estes trabalhavão melhor e com mais animo, porque fasião valer o preço de suas manufacturas: quem precisava de um traste dirigia-se directamente a elles, e não como hoje a esses vendilhões, verdadeiros e encarniçados destructores da verdadeira industria: eis aqui a total ruina e decadencia do officio!

Attrevem-se os supradictos requerentes a tractar as Fabricas de prejudiciaes ao officio e ao público, quando ha pouco mais de dez annos, ellas trouxerão a este paiz um melhoramento consideravel a tudo quanto se fazia até então, a ponto de hoje rivalizar com as Fabricas de Inglaterra, e de França? Podemos lisongear-nos de que hoje se manufacturão trastes em Lisboa, se não melhores,

ao menos com a mesma perfeição que em Londres e Paris, quando em outro tempo para qualquer os ter, era necessario mandal-os buscar a Reinos Estrangeiros por um preço exorbitante: Que esses calumniadores das Artes e industria provem legalmente se algum dia fizerão um traste e de invenção nova? que o mostrem sem pejo, pois que os Fabricantes, pela maior parte, esses contra quem eles dirigem as suas invectivas e sarcasmos, podem sem rebuço e com franqueza mostrar que os trastes ricos e bem acondicionados que párao em muitas casas d'este Reino tem sido manufacturados e inventados nas suas Fabricas. Esses contratadores chamados mestres, até hoje não têm feito mais do que copiar grosseiramente e sem preceito os trastes manufacturados nas Fabricas, cuja imperfeição, falta de proporção e pouca solidez bem os deixa distinguir dos outros concorrendo muito para isso não terem elles nem a quarta parte dos utensilios e ferramentas de que usão os Fabricantes, nem tão pouco saberem a maneira de trabalhar; e são estes homens que dizem que os Fabricantes não sabem nem riscar a peça do exame? Que qualidade de peça será essa cujo risco apresenta tanta dificuldade? Será talvez outro Nó Gordio? Se assim for, não deixará comtudo de haver algum outro Alexandre assaz habil para o desenvolver e cortar.

O expositor julga pois não dever, no momento ha pôr limite à sua industria e conhecimento injustamente atacados por homens que só pertendem a total aniquilação das Artes, e industria; não só por não se julgar no caso que os requerentes do officio querem citar, mas tambem por conhecer evidentemente que isto não pôde ter lugar em um Reinado qual o de Vossa Magestade que só se esmera, e pôe toda a Sua ventura em fazer progredir as Artes, e Se Dignou declarar Presidente da Academia Real das Sciencias. Alem do attaque mal entendido que os requerentes dirigem contra as Fabricas, accrescentão tão bem, que os Privilegios concedidos aos Fabricantes pela Real Junta do Commercio são tão sómente com o fim de eles não pagarem os Reaes Direitos pelas madeiras que consomem para suas manufacturas: É o absurdo mais desmascarado que jamais se tem dito, pois que o expositor pela sua parte, pode asseverar que similhantes Privilegios nunca lhe forão concedidos, podendo comprovar isto com os recibos das Alfandegas, e outros Documentos authenticos; e está cabalmente convencido de que aos outros Fabricantes nunca tal cousa se concedêo, apezar das suas justissimas representações. Esses que se dizem membros da corporação do Officio, são os que gozão dos mesmos Privilegios em toda a sua plenitude, pois que elles taxão as madeiras para os Fabricantes pelo preço que lhes parece, excluindo as Fabricas de quaesquer repartições, tendo alem disto, só elles todas as prerrogativas e vantagem, como a de entrarem na Caza dos vinte e quatro, nas Capatazias e outras regalias similhantes; quando aos miseros só se concede o simples privilegio de poderem trabalhar, com o qual se tem contentado o numero dos melhores Artistas, célebres por suas invenções: este simples Privilegio, ou licença de trabalhar, é aquillo que a Corporação do Officio pretende destruir totalmente. Não sabem elles que as Fabricas occupão o maior numero, e os melhores operarios, apezar de dizerem que os Fabricantes procurão sempre os máos operarios para que estes não possam conhecer os defeitos que elles commettem. Que falsidade tão atroz da parte dos requerentes! pois que todos sabem que nas Fabricas se encontrão os bons operarios, ou porque n'ellas se tem apperfeiçoado, ou por terem sido alli apprendizes. O expositor tem tido na sua Fabrica operarios que no Officio ganhavão 300 reis, ou 360 diarios, e tem chegado a um tal gráo de perfeição a ponto de hoje ganharem 800 reis, e ainda mais, sendo alem disto mui procurados, talvez por esses que declamão contra as Fabricas; logo, se elles não fossem bons e perfeitos tal couza não succederia.

A que ficarião pois reduzidos estes operarios em grande numero, se a corporação do Officio conseguisse o absurdo que intentou levar à Presença de Vossa Magestade? Ficarião reduzidos à miseria, pois que em vez de ganharem o salario razoavel que vencem nas Fabricas, e que já fica dito, ganharião no officio, isto é, n'esses chamados armazens de moveis, pingues salarios, e isso mesmo com grande custo, pois que alli não se pode empregar um numero consideravel de operarios como nas Fabricas, visto que em taes estabelecimentos não se encontra nem invenção nem novidade.

J. Chauvelet em 1827 introduziu em Lisboa a primeira máquina de serrar madeira em folhas, genero que antes disso era necessario mandar vir de fora: como poderia este artista estabelecer a sua maquina se não fossem as Fabricas? Acaso foi o officio, ou esses melhoradores das artes que lhe derão os meios para o seu estabelecimento? Não, Senhor, foi um Fabricante estrangeiro que lhe facilitou os meios de estabelecer n'esta Cidade a referida máquina, cuja utilidade bem se tem



manifestado. São pois estes Fabricantes a quem accusão de prejudiciaes ao Officio, e de quererem extorquir os Reaes Direitos, mandando vir as madeiras de fóra, quando todos os seus esforços tendem precisamente ao contrario, pois que isto era cousa de sairem do Reino sommas immensas. Foi acaso o Officio quem ensinou a Barthelemy Thibaux a fabricar em Lisboa os primeiros Pianos Fortes, os quaes rivalisão com os das principais Fabricas da Europa, genero este que antigamente se consumia sommas consideraveis para se mandar buscar aos Reinos Estrangeiros? Foi o Officio tambem quem começou a fazer uso das folhas de raiz indigena, para supprir as de raiz estrangeira? não por certo. Acaso foi o Officio quem inventou o polimento em Portugal, ou forão as Fabricas? Mostrem os sapientissimos membros da Corporação do Officio qual tem sido ha dez annos a descuberta ou invenção util que elles tenham feito para progresso do mesmo Officio, e das Artes? Foi acaso o Officio quem descobrio a idéa de fazer uma secretária com quinze segredos, que o expositor inventou e fez na sua fabrica, a qual existe hoje no Real Palacio de Vossa Magestade, tendo-lhe sido apresentado por sua Augusta Irmã na occasião do feliz regresso de Vossa Magestade a este Reino, a qual mereço a aprovação tanto dos principais artistas como de todas as pessoas esclarecidas que a examinarão.

Não foi o expositor o primeiro que fabricou em Lisboa as mezas com musica, e diversos trastes da sua invenção, ainda não conhecidos em Portugal, particularmente as mezas mechanicas graduadas que servem para escrever em todas as alturas, cuja invenção teria merecido em França uma recompensa e um privilegio exclusivo ao seu author? Quem inventou em Lisboa os sofás ou marquezas elásticas, foi o Officio ou esses que tão solemnemente declamão contra as Fabricas? não certamente; porque essa invenção só é devida a M. Gibert estabelecido tambem n'esta Cidade. Seria necessario um volume gigantesco para poder citar todas as invenções e descobertas que até hoje tem sido apresentadas em Portugal, por um grande numero de fabricantes, sem que se conheça uma só produção d'esses judiciosos e sapientes mestres da arte que vociferão contra os supradictos fabricantes, que só tem introduzido em Portugal invenções uteis, e não conhecidas antes d'elles. E é contra estes artistas que a corporação do Officio dirige ataques tão indignos na representação que levou à Presença de Vossa Magestade, querendo fazer capacitar para lhe dar mais pezo, que os Fabricantes são extorquidores dos Reaes Direitos? Não está evidentemente demonstrada a falsidade de similhante calumnia? E são pois esses homens que não córão de um tal procedimento, querendo illudir a Vossa Magestade com vãos sophismas, mesmo em despeito dos Privilegios concedidos, que no seu frenetico delirio, se atreverem a attacar os direitos de propriedade !!!

Poder-se-á consentir que um Fabricante, seja Portuguez, ou estrangeiro, feixe de repente a sua Fabrica, em cujo costeamto empregou todos os seus fundos, sem que se lhe dê uma indemnisação equivalente, e debaixo de um Privilegio ou Alvará, concedido com todas as formalidades requeridas pelas Leys, por um Decreto Real, e juizes rectos e de summa integridade? Não é isto uma violação manifesta? E poderá a Illustre Real Junta do Commercio consentir similhante aviltamento, submettendo-se à forma da referida supplica extravagante e injuriosa para Ella e para os Fabricantes contra quem se dirige; qual é a de fazer examinar um Privilegio antes de o conceder pelos individuos já mencionados?

Estes não contentes de usurparem os Privilegios dos outros, pertendem tambem usurpar os poderes da Real Junta, não dando esta a sua aprovação, sem primeiro ser sancionada formalmente por similhantes juizes; isto será ser uma interpretação errada ao Decreto Real de 18 de Abril de 1761. N'este caso poder-se-ia de uma vez dizer adeos à industria em Portugal, porque nunca mais se tornarião a abrir Fabricas com a aprovação dos Juises do Officio, ainda que estes conhecessem com evidencia que um artista lhes era superior em talentos.

A quem devem a França e a Inglaterra a sua prosperidade, senão à inteira liberdade da industria? Acaso não foi tambem com a abolição d'essas Corporações sem utilidade para os Governos, verdadeiramente nocivas aos povos, e que molestão inteiramente a propagação das luzes, que principiou a nova era do genio e de grandeza que as tem illustrado? Sua Magestade Catholica, o Augusto Tio de Vossa Magestade, não tem Elle tambem feito florescer a industria nos seus Estados animando com privilegios todos os artistas que nelles se querem estabelecer? creando alem disto uma Exposição para a industria a fim de fazer prosperar as artes e sciencias?

No reinado do Senhor D. Jozé de saudosa memoria, não se vio o grande Marquez de Pombal sentir a necessidade de animar a industria, mandando chamar artistas estrangeiros para aperfeiçoarem aquellas artes que em Portugal ainda o não estavam, a fim de o nivelar com as outras nações industriosas?

À vista pois do que fica expellido, o expositor conclue, dizendo, que confia na rectidão de Vossa Magestade, Que tamto tem Manifestado Sua Regia Afeição para com as Artes e industria, que se Dignará Decidir esta contenda do modo mais justo e palpavel, Confirmando os Privilegios concedidos pela Real Junta do Commercio, sem que todavia o Officio fique lesado, nem as Fabricas de conhecida utilidade achem entraves ao seu progresso, pois só com a industria é que a nação pode florescer e prosperar.

O Expositor  
Pedro Bartholomeo Dejante

## Documento n.º 2

A.N.T.T., Casa Real, Cx. 4497, doc. 147.

Missiva de Pedro Bartolomeo Dejante dirigida ao Conde da Ponte, datada de 18 de Maio de 1859

A Son Excellence Monsieur le Conte da Ponte  
Monsieur

Ayant eu l'honneur de participer à S. Exe. Mr. Le Duc da Terceira, ainsi qu'a S. Ex.ce Mr. Le Marquis de Lisle (sic) [Loulé] que je devais partir pour Paris vers la fin de ce mois, ces Mes.es ont bien voulu interposer leur haute influence au prés de Votre Excellence, dans le bût de Votre Excellence vouloir bien terminer avant mon départ, la désagréable affaire qui me retient à Lisbonne depuis 18 mois. – Ces Mes.es m'ont fait aussi l'honneur de m'assurer que Votre Excellence avait promis de la faire terminer.

Soyez persuadé, Monsieur Le Conte, que je ne vous attribue pas l'odieux des proceés employés contre un Artiste que n'a fait que son devoir, et que regrette viement ce qui c'est passé, qui a été certainement – je vous assure – un mal entendu.

Il est de mon devoir – d'après votre résolution de finir le régleme de mes comptes, de remettre a votre haute considération, Monsieur Le Conte: «Que j'aurais pû comme bien d'autre, fuir au pléau de la fièvre jaune, si je n'avais pas été appellé par Mr. Aldin au Palais – pour me charger de la confection des Meubles du Mariage de Sa Magesté, et si en acceptant cette commission, je ne m'étais pas fait un devoir d'honneur de risquer non seulement ma vie – et celles de ma famille, mais aussi un capital de plus de 13 contos de reis – ».

«Qu'en faisant des sacrifices si incontestables pour bien servir Sa Magesté, j'ai réussi à faire dans le Pays, par des Artistes Portugais, ce qui n'y avait jamais été fait, et qui ne retournera peut-être pas à s'y faire».

«Qu'en faisant una exposition publique de ces meubles, j'ai eu la satisfaction de voir que tout le monde les a estimés au double de la valeur que j'ai portée sûr mes comptes».

Que je les ai laissés sortir de chez moi, à la demande empressé de la Vedoria, sans arriére pensée, et avec la plus grande loyauté, quand ils étaient ma propriété, n'ayant pas même reçu un real d'avance».

Que j'ai en mon pouvoir les dessins primitifs signés par Mr. Aldin, qui sont une preuve éclatante en comparaison avec les meubles que j'ai fait le double en richesse et ornementation qui est sûr les mêmes dessins.

«Que j'ai aussi une déclaration en mon pouvoir signé par des personnes competentes, et par des artistes qui ont examiné les meubles, en confirmation de ce que je viens d'écrire».

Il y a 38 ans, Monsieur le Conte, que je suis en Portugal, et il y a 27 que j'ai eu l'honneur d'être appellé par l'Auguste Grand-Pere de Sa Magesté, pour les travaux de ses Palais, et j'ai toujours rempli mes devoirs à la satisfaction de Leurs Magestés – mes services desinteressés à l'Industrie

Portugaise, sont bien connus, jusqu'au point de refuser une forte somme à titre de récompense Nationale. – A l'occasion du Mariage de Sa Magesté, j'ai fait tout ce que je pouvais faire pour la gloire de l'Industrie et la satisfaction de Leurs Magestés. – L'artiste qui procède ainsi, et qui pouvait faire d'après les dessins qu'il possède, des meubles bien simples et moins riches, ne peut pas pour aucun intérêt du monde, demander plus que ce qu'on lui doit».

Monsieur Le Conte, je ne peu plus ajourner mon depart pour Paris – au delas de la fin du moi – car non seulement mes interêts m'y appellent, depuis 18 mois, mais aussi le besoin de traiter une maladie que je néglige depuis un an – à cause de cette affaire – .

Je regrette ce qui s'est passé, et qui seulement pouvait avoir pour cause un mal entendu, et je vous prie Monsieur Le Conte, d'après ce que vous avez dit à Mr. Le Duc da Terceira, et à Mr. Le Marquis de Lisle (sic) [Loulé], d'avoir la complaisance de vous preter le plutôt possible, à la liquidation de mes comptes, à fin que je puisse être prêt à partir pour Paris à la fin de ce mois. Agrééz, Monsieur Le Conte, l'assurance de mes sentiments les plus distingués, et de la haute considération, avec laquelle

Je suis

De Votre Excellence

Trés humble et très obeissant serviteur

P. B. Dejante

Lisbonne le 18 Mai 1859